



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Instituto de Ciências Biológicas
Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual

Jessica Rangel Silva

**PERCEPÇÕES DE IMPACTO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA:
Implicações para Políticas Públicas**

Belo Horizonte

2020

Jessica Rangel Silva

Percepções de impacto da educação empreendedora: implicações para políticas públicas

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual.

Área de concentração: Gestão da Inovação e Empreendedorismo

Orientador: Professor Doutor Ulisses Pereira dos Santos
Departamento de Ciências Econômicas – UFMG

Coorientadora: Professora Doutora Glauciene Silva Martins
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas – CEFET - MG

Belo Horizonte

2020

043 Silva, Jessica Rangel.
Percepções de impacto da educação empreendedora: implicações para políticas públicas [manuscrito] / Jessica Rangel Silva. – 2020.
85 f.: il. ; 29,5 cm.

Orientador: Professor Doutor Ulisses Pereira dos Santos. Coorientadora:
Professora Doutora Glauciene Silva Martins.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas. Curso de Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual.

CDU: 608.5

**“PERCEPÇÕES DE IMPACTO DA EDUCAÇÃO
EMPREENDEDORA: IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS”**

JÉSSICA RANGEL SILVA

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia 18 de junho de 2020, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:



PROF. DR. ULISSES PEREIRA DOS SANTOS
FACE/UFMG

PROFA. DRA. GLAUCIENE SILVA MARTINS
CEFET/MG

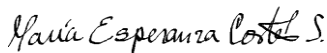
Profa. Dra. Ana Valéria Carneiro Dias
Escola De Engenharia/Ufmg

Profa. Dra. Silvana Alves Da Silva
CEFET/MG

Instituto de Ciências Biológicas – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Belo Horizonte, 18 de junho de 2020.

Aprovado ad referendum.



Profa. Maria Esperanza Cortés
Coordenadora do Mestrado Profissional

*Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto de Ciências Biológicas
Departamento de Fisiologia e Biofísica
Mestrado Profissional Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual*



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, acima de tudo pela vida e pelos desafios que me tornaram a pessoa que sou hoje. Obrigada Senhor, por se fazer presente nos pequenos gestos, nas palavras amigas e em cada oportunidade que me fez enxergar um caminho novo.

A minha família, em especial meus pais, Divalde e Elenice, e meu irmão, Júlio César, pelo amor incondicional e por me ensinarem o poder da persistência e da dedicação. Sou muito grata por vocês confiarem tanto em mim e me tranquilizarem em todos os momentos.

Agradeço também a Ana por todo cuidado, pelo carinho e cumplicidade durante essa trajetória.

Aos meus queridos orientadores, Professor Ulisses Santos e Professora Glauciene Martins, pelo voto de confiança. Meus sinceros agradecimentos por uma orientação que não se restringiu ao mestrado, foram ensinamentos e conselhos que levarei sempre comigo.

Aos amigos do mestrado, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, da Junior Achievement, da MGN Consultoria e do IEBT, que me apoiaram, me motivaram e me ajudaram no desenvolvimento do projeto.

Por fim, agradeço a todos que participaram de alguma forma dessa conquista, minha sincera gratidão.

RESUMO

A temática empreendedorismo, apesar de bastante discutida no Brasil, ainda se apresenta incipiente no ensino básico e superior. Além disso, o desenvolvimento de programas de educação empreendedora é observado por diferentes abordagens teórico metodológicas e ações governamentais. Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar a percepção de impacto da educação empreendedora de egressos do ensino médio e utilizar as análises como subsídio para políticas públicas. Esse trabalho, de caráter descritivo e exploratório, utilizou estudo bibliográfico, pesquisa documental e análise de dados obtidos através de um questionário aplicado aos egressos do ensino médio, que participaram do Programa Miniempresa no período de 2012 a 2016. Dessa forma, foi possível construir uma base teórica para o estudo, conceituar e problematizar a temática, bem como mapear programas e metodologias de educação empreendedora para complemento e robustez do projeto. Os resultados indicam que a formação empreendedora compreende o desenvolvimento de habilidades e competências pessoais e profissionais, como assumir riscos calculados, liderança, comprometimento, iniciativa, autonomia e planejamento. Já os fatores como empregabilidade e aumento de rendas são observados em uma menor proporção, refutando a crença da educação empreendedora enquanto garantia de empregabilidade. Com relação às políticas públicas, percebe-se uma constante tentativa de implementação de programas que tendem a ser interrompidos com as transições de governo. Dito isso, ressalta-se a importância de um discurso alinhado de educação empreendedora que, em alguns casos, vem acompanhado de uma visão romantizada, que responsabiliza unicamente o indivíduo pelo seu sucesso ou fracasso. Portanto, como implicações para a criação de políticas públicas, destacam-se a importância da validação teórico metodológica, da gestão do conhecimento entre transições de governos e do foco na formação humana, que considere fatores sociais, econômicos, culturais e políticos.

Palavras-chave: Educação. Empreendedorismo. Competências. Formação empreendedora. Políticas públicas.

ABSTRACT

Despite highly discussed in Brazil, the entrepreneurship is still incipient in our basic and higher education sectors. Also, the development of entrepreneurial education programs is observed by different theoretical approach and governmental actions. Because of this, the goal with this study is to identify the impact of entrepreneurial education related to former students and use the analysis for possible public policy support. This study has used bibliography, documentary research and data analysis obtained through a questionnaire applied to former students who have joined the “Programa Miniempresa” from 2012 to 2016. From that, it was possible to ensure a theoretical basis to the study, conceptualize and problematize the theme, and map entrepreneurial education programs and methodologies to complement and strengthen the project. The results indicate that entrepreneurial education is based on the development of personal and professional skills, such as taking calculated risks, leadership, commitment, initiative, autonomy, and planning. On the other hand, employability and increased incomes are observed in a lesser extent, refuting the belief in an entrepreneurial education as an employability guarantee. Regarding the public policies, there is constant attempt to implement programs that, however, tend to be interrupted in governmental transitions. That said, the importance of an aligned discourse of entrepreneurial education is emphasized, considering that it is normally accompanied by an illusional view, which only blames the individual for his/her success or failure. Therefore, for the creation of public policies, we highlight the importance of theoretical and methodological validation, management of the knowledge from one government to another and the focus on a formation of humans that respect social, economic, culture and political factors.

Key words: Education. Entrepreneurship. Competence. Entrepreneurial education. Public policies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Interação entre o empreendedorismo e o crescimento econômico	21
Figura 2 - Pilares do Ensino do Empreendedorismo segundo Rocha e Freitas (2014)	33
Figura 3 - Temas trabalhados durante o <i>BMoE Bootcamp</i>	39
Gráfico 1 - Caracterização da amostra por gênero (1995 – 2016).....	47
Gráfico 2 - Caracterização da amostra por ano (1995 – 2016).....	47
Gráfico 3 - Caracterização da amostra por Estado (2012 - 2016)	48
Gráfico 4 - Perfil dos respondentes com relação à formação no ensino médio.....	52
Gráfico 5 - Grau de escolaridade dos participantes da pesquisa	52
Gráfico 6 - Grau de escolaridade almejado pelos egressos do Programa Miniempresa.....	53
Gráfico 7- Comparativo entre grau de escolaridade atual e almejado.....	54
Gráfico 8 - Idade do primeiro emprego ou estágio.....	55
Quadro 1 - Características Comportamentais Empreendedoras de McClelland	18
Quadro 2 - Definições de Empreendedorismo	20
Quadro 3 - Recomendações para as áreas de educação e capacitação	23
Quadro 4 - Eixos da educação para o empreendedorismo segundo Delors (1998).....	33
Quadro 5 - Fases do Programa Miniempresa	35
Quadro 6 - Estrutura do Programa Fazendo Acontecer.....	38
Quadro 7- Síntese metodológica.....	50
Quadro 8 - CCEs de Mc Clelland abordadas no questionário	58
Quadro 9 - Áreas de empregabilidade do Programa Reinventando o Ensino Médio.....	64
Quadro 10 - Eixos de atuação do Programa Inova Educação	68
Quadro 11 - Reportagens sobre o Programa Meu Primeiro Negócio.....	82
Tabela 1 - Principais fatores limitantes para a abertura e manutenção de negócios	23
Tabela 2 - Ranking de Universidades Empreendedoras 2019.....	28
Tabela 3 - Caracterização da amostra por Estado (1995 - 2016).....	46
Tabela 4 - Número de alunos no Programa Miniempresa (2012 – 2016)	48
Tabela 5 - Sentimento de motivação com relação ao Programa Miniempresa	56
Tabela 6 - Percepções acerca do desenvolvimento de competências.....	58
Tabela 7 - Percepções de impacto do Programa Miniempresa.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCEs - Características Comportamentais Empreendedoras
CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica
EAESP - Escola de Administração de Empresas de São Paulo
FGV - Fundação Getúlio Vargas
GEM - *Global Entrepreneurship Monitor*
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEMA - Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IES - Instituições de Educação Superior
IF - Instituto Federal
INEP - O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
JA - Junior Achievement
MEC - Ministério da Educação
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU - Organização das Nações Unidas
PEEE - Plano Estadual de Educação Empreendedora
PNUD - Programa das Ações Unidas para o Desenvolvimento
PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDECTES - Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais
SEMESP - Sindicato das Entidades Mantenedoras de Ensino Superior
SOFTEX - Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
1.1.	Estrutura da dissertação.....	13
2.	EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.....	15
2.1.	Conceituando o empreendedorismo.....	15
2.2.	Relações com o desenvolvimento econômico.....	21
2.3.	A educação para o empreendedorismo.....	23
2.4.	Histórico do ensino de empreendedorismo no Brasil.....	25
2.5.	Para além do ensino básico.....	27
2.6.	Organizações de fomento ao empreendedorismo.....	29
2.6.1.	Softex.....	29
2.6.2.	Sebrae.....	30
2.6.3.	Associação Junior Achievement.....	31
2.7.	Metodologias aplicadas para o ensino de empreendedorismo.....	32
2.7.1.	O Programa Miniempresa.....	34
2.7.2.	A pedagogia empreendedora de Dolabela.....	36
2.7.3.	Programa Fazendo Acontecer de Dornelas.....	37
2.7.4.	Método Berkeley de empreendedorismo (BMoE Bootcamp).....	38
2.8.	Abordagens críticas ao ensino de empreendedorismo.....	39
3.	METODOLOGIA.....	42
3.1.	Caracterização da pesquisa.....	42
3.2.	Apresentação do questionário.....	44
3.3.	Caracterização da amostra.....	45
4.	DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	51
4.1.	Análise dos resultados do questionário sobre o Programa Miniempresa.....	51
4.2.	Levantamento de políticas de educação empreendedora.....	62
4.2.1.	Reinventando o ensino médio.....	63
4.2.2.	Programa Meu primeiro negócio.....	64

4.2.3.	Inova Maranhão: Inova, galera!	66
4.2.4.	Plano Estadual de Educação Empreendedora e Programa Inova Educação.....	66
4.3.	Implicações para políticas públicas	68
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	75
	ANEXO A - Pesquisa com egressos do Programa Miniempresa	80
	APÊNDICE A – Reportagens sobre o Programa Meu Primeiro Negócio.....	82

1. INTRODUÇÃO

Tomando como base a perspectiva social e econômica, a educação para o empreendedorismo teve sua expansão a partir de 1980 com o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de ciências econômicas, humanas e gerenciais (DRUCKER, 1986; FILION, 1999). Instituições multilaterais como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) consideram o empreendedorismo como alternativa para o desenvolvimento econômico. Nesse sentido, o desenvolvimento de novas tecnologias e novos meios de produção contribuem para a geração de empregos, novas fontes de renda e, conseqüentemente, desenvolvimento econômico (DOLABELA, 2008, p.25).

No Brasil, o primeiro curso de empreendedorismo no ambiente acadêmico foi em 1981 na Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), mantida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) (DOLABELA, 2008). Atualmente, a temática empreendedorismo está presente como disciplina em diversas universidades e é explorada no ensino básico por meio de programas extracurriculares e políticas públicas. Como exemplos, destacam-se os programas desenvolvidos pela Associação Junior Achievement (JA) e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Por meio de iniciativas como o Prêmio SEBRAE de Educação Empreendedora, as práticas aplicadas em instituições de ensino da educação básica ao nível superior são reconhecidas com o objetivo de divulgar os projetos e fomentar o ensino de empreendedorismo no país.

Silva (2015) evidencia que apesar das iniciativas, o acesso para educação empreendedora nas escolas de ensino médio ainda se encontra bastante incipiente, necessitando de validação científica e de suporte nas esferas públicas para consolidação enquanto grade curricular. Isso acontece devido aos desafios relacionados aos diversos agentes sociais, barreiras burocráticas e institucionais, bem como questões internas voltadas à infraestrutura de escolas, grade curricular, preparo dos profissionais de ensino, dentre outros. A proposta de estudar os impactos e apresentar alternativas para o ensino de empreendedorismo contribui para que as barreiras sejam minimizadas e a discussão esteja mais frequente no meio acadêmico e institucional.

Desse modo, a presente dissertação de mestrado aborda a temática da educação empreendedora na educação básica, com foco específico no ensino médio. A escolha do tema se deu em razão da experiência pessoal e profissional da autora¹ como aluna e voluntária de programas de educação empreendedora, bem como sua participação na criação e operação do programa Meu Primeiro Negócio capitaneado pela então Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais (SEDECTES) no período de 2017 e 2018.

Inicialmente este trabalho tinha como objeto de estudo o Programa Meu Primeiro Negócio, resultado de uma parceria entre a SEDECTES, a Secretaria de Estado de Educação (SEE) e a Junior Achievement de Minas Gerais. O programa foi lançado em 2017 e continuado em 2018, totalizando 15.000 alunos atendidos de 520 escolas de Minas Gerais com o principal objetivo de promover a cultura empreendedora entre estudantes do ensino médio de escolas estaduais.

Já em 2019, no percurso da pesquisa, o programa Meu Primeiro Negócio foi suspenso a partir da troca de gestão do Governo estadual. Desse modo, mantendo-se a proposta de identificar a percepção de impacto da educação empreendedora, a autora contactou a sede da Associação Junior Achievement, localizada no Rio Grande do Sul, para verificar se havia alguma iniciativa para mensurar o impacto dos programas de educação empreendedora. Constatou-se que a instituição havia contratado uma empresa de consultoria para realizar uma pesquisa de abrangência nacional com egressos do Programa Miniempresa entre os anos 1995 e 2016.

Assim, a partir de um esforço e articulação por parte da autora com a JA e a empresa de consultoria, foi possível o acesso aos dados coletados a partir do questionário aplicado entre os meses de abril e maio de 2019. Ressalta-se a prudência cometida no desenvolvimento do presente trabalho em manter uma atitude crítica e cautelosa em relação aos limites teóricos e conceituais da pesquisa, principalmente devido a trajetória de formação e atuação profissional desta pesquisadora. A pesquisa se orientou pelos seguintes questionamentos: Como são trabalhadas as temáticas do empreendedorismo no ensino médio? Quais são os possíveis impactos da educação empreendedora utilizando como referência respondentes do questionário aplicado à egressos do Programa Miniempresa? Nesse sentido, por meio de um trabalho de caráter descritivo e exploratório, a

¹ A presente autora participou dos programas de educação empreendedora promovidos pela Junior Achievement enquanto cursava o ensino médio na rede pública. Após a participação como Diretora de Produção do Programa Miniempresa em 2009, cursou Engenharia de Produção na UFMG e se tornou voluntária na aplicação do programa em escolas públicas de Belo Horizonte. Também contribuiu para a criação e execução do Programa Meu Primeiro Negócio promovido pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais em 2017 e 2018 com 15.000 alunos atendidos, de 520 escolas públicas estaduais.

pesquisa está estruturada inicialmente pela revisão de literatura, com o objetivo de construir uma base teórica para o estudo. Em seguida, os dados secundários foram coletados por meio de pesquisa documental, com o intuito de mapear programas voltados para educação empreendedora para complemento e robustez da pesquisa. Por fim, utilizou-se dos dados coletados a partir de um questionário desenvolvido por uma empresa de consultoria e aplicado aos egressos do ensino médio que participaram do Programa Miniempresa entre os anos 1995 e 2016.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a percepção de impacto da educação empreendedora no ensino médio e utilizar as análises como subsídio teórico e técnico para políticas públicas correlatas. Para tal, espera-se atingir os cinco objetivos específicos listados a seguir:

1. conceituar o empreendedorismo no recorte delimitado pela pesquisa;
2. mapear iniciativas de educação para o empreendedorismo e suas abordagens metodológicas;
3. mapear políticas públicas e discutir sobre a efetividade e perenidade das iniciativas;
4. analisar as características comportamentais empreendedoras (CCEs) propostas por McClelland (1961) mais evidentes em egressos participantes do Programa Miniempresa, entre o período de 2012 a 2016; e,
5. analisar a percepção de impacto dos egressos participantes do Programa Miniempresa, entre o período de 2012 a 2016, a partir do questionário aplicado.

1.1. Estrutura da dissertação

A presente dissertação está estruturada de modo a contemplar todo o processo da pesquisa, que compreendeu desde a proposta inicial aos eventos que acarretaram o redesenho do projeto. Nesse sentido, o trabalho é composto por cinco capítulos, conforme a descrição abaixo.

No primeiro capítulo estão apresentados a temática do trabalho, a questão de pesquisa, objetivos, a justificativa e os procedimentos metodológicos.

O segundo capítulo consiste no referencial teórico, em que buscou-se conceituar a temática empreendedorismo e educação empreendedora, bem como delinear o contexto da pesquisa. Além disso, no capítulo é apresentado um mapeamento de metodologias e programas de educação

empreendedora, finalizando com a problemática do ensino de empreendedorismo como reprodutor social do contexto neoliberal.

Já o terceiro capítulo, intitulado metodologia, busca apresentar o método, procedimentos e o recorte da pesquisa.

O capítulo quatro contém o mapeamento de políticas públicas de educação para o empreendedorismo, análises dos dados do questionário e a apresentação dos resultados da pesquisa.

Por fim, o capítulo cinco é composto pelas considerações finais, limitações da pesquisa e sugestões de trabalhos futuros.

2. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Este capítulo tem por objetivo realizar um estudo bibliográfico acerca da temática empreendedorismo e educação empreendedora pela corrente do pensamento econômico e pela corrente comportamental. Além disso, são listados programas e metodologias de educação para o empreendedorismo. Por fim, a seção é finalizada com uma contextualização crítica sobre o ensino de empreendedorismo e a problemática de reprodução social no contexto neoliberal.

2.1. Conceituando o empreendedorismo

O termo empreendedorismo tem sido largamente empregado nas mais diversas áreas de estudo, como ciências econômicas, psicologia, administração, engenharias e educação (COAN, 2011; FILLION, 1999). Empreender não é mais uma atividade restrita à iniciativa privada, ao longo dos anos passou a englobar outras áreas como a administração pública e o terceiro setor. Nessa lógica, Costa *et al.* (2011) destacam a importância de uma análise que compõe a perspectiva histórica acerca do conceito de empreendedorismo e seu papel na sociedade. Segundo os autores, a falta de consenso sobre a temática é conveniente para naturalizar fenômenos, uma vez que o conceito pode assumir diferentes significados de acordo com o contexto ao qual é empregado.

Desse modo, torna-se relevante resgatar o significado da temática por meio dos clássicos e caracterizar os aspectos fundamentais do empreendedorismo. O arcabouço teórico utilizado para este trabalho se deu, principalmente, pelos autores: McClelland (1961), Schumpeter (1985), Drucker (1985), Weenekers e Thurik, (1999), Fillion (1999), Dolabela (2003, 2008), Dornelas (2008) e Lackéus (2015), bem como a referência de autores da área de educação na problematização do ensino de empreendedorismo: Frigotto (2001) e Libâneo (2003).

Para Costa *et al.* (2011), de forma genérica pode-se identificar três abordagens recorrentes para o empreendedorismo, são elas: abordagem alinhada à perspectiva de base econômica caracterizada, pelos trabalhos de Schumpeter; abordagem comportamental, representada

principalmente pelos trabalhos de David McClelland; e a abordagem gerencial, que se concentra em estudos sobre competências empreendedoras e sua relação com o espaço organizacional.

A origem do termo empreendedorismo é usualmente atribuída às obras de Richard Cantillon (1680 – 1734) e Jean Baptiste Say (1767 – 1832). No entanto, a definição mais utilizada é proveniente do economista Joseph Schumpeter (1883 – 1950), que não só associou o empreendedorismo à inovação como também o relacionou ao desenvolvimento econômico (FILLION, 1999, p.6). Por sua vez, os autores R. Cantillon e J. B. Say, para Filion (1999), não estavam interessados apenas na economia, mas também em aspectos de gerenciamento de empresas e desenvolvimento de negócios.

Richard Cantillon considerava que o indivíduo empreendedor poderia ser tanto o comerciante, quanto o artesão/produtor de manufatura ou o colono agricultor. Nessa lógica, essas figuras caracterizam-se como o empresário que faz um investimento sem ter garantias do que será obtido pela venda dos produtos. Nesse sentido, Jean Baptiste Say também considerou o empreendedor como um empresário que se posiciona no centro do processo econômico de forma a equilibrá-lo, assumindo um papel de intermédio entre as classes de produtores e de consumidores (COSTA *et. al.*, 2011).

Filion (1999) discorre sobre as figuras de Cantillon e Say como os propulsores da ideia de empresário na figura de empreendedor, ou seja, aqueles que investem seu próprio dinheiro em busca de lucros e assumem os riscos inerentes ao negócio. Já o economista Joseph Schumpeter, introduziu a noção de empresário associado à inovação, sem ser aquele que assume os riscos inerentes ao negócio (FILLION, 1999).

Para Schumpeter (1982), existe a figura do empresário e a do capitalista. Para ele, o capitalista é a figura que assume os riscos e que financia o empresário, já o empresário, atua como a figura do empreendedor e está associado à inovação. De acordo com o autor, o empreendedor difere do capitalista em vários aspectos, como por exemplo, em uma situação de concorrência o capitalista se adapta com o objetivo final de ter lucro, enquanto o empreendedor inova, configurando novos padrões de produção. Enquanto o empreendedor vislumbra o lucro como consequência e sinal de sucesso, o capitalista é caracterizado pela adaptabilidade, até mesmo no sentido de modernizar a produção ou investir no crescimento na organização. O empreendedor é um agente racional movido por valores e guiado por desejos e conquistas. Desse modo, o sentido

da ação de empreender vem do desejo de conquistar, do impulso para lutar, de provar-se superior aos outros e da alegria de criar e fazer coisas novas (SCHUMPETER, 1985, p. 65).

Empreender é promover inovações a ponto de gerar condições para transformar o fluxo econômico no qual o empreendedor atua. Nesse sentido, o empreendedor é capaz de modificar a ordem vigente por meio de novas combinações que podem ser: a introdução de um novo bem; introdução de um novo método de produção; abertura de um novo mercado; conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou bens semimanufaturados e constituição ou fragmentação de posição de monopólio (SCHUMPETER, 1985, p. 49). Para o economista, o empreendedor não é necessariamente quem desenvolveu algo novo, e sim aquele que lidera, de forma carismática, o processo de inovação. Assim, o autor destaca que o líder precisa ter coragem, assumir novos postos, novas situações e fazer acontecer.

Peter Drucker (1909 - 2005), assim como Schumpeter, também considerou a inovação como “instrumento específico dos empreendedores”, ou seja, o meio pelo qual eles exploram uma oportunidade de negócio. Em suma, o pensador acreditava que os empreendedores possuem o compromisso com a prática sistemática da inovação, de forma a explorar novas alternativas e criar mudanças intencionais focadas no potencial econômico do empreendimento (COAN, 2011).

Além disso, Drucker (1986) discute as práticas de empreendimentos bem-sucedidos e o papel da boa administração para consolidação do sucesso. Para ele, o sucesso empresarial ocorre por meio da junção da capacidade empreendedora com a administração sistemática, competente e estruturada. Desse modo, o conceito de “administração empreendedora” se apresenta como uma forma de desenvolver os comportamentos de sucesso. A capacidade empreendedora é considerada uma atitude comportamental que o sujeito desenvolve a partir da persistência, vontade, dedicação, entusiasmo, responsabilidade, comprometimento, obstinação e visão de futuro (COAN, 2011, p.118).

Filion (1999) discorre sobre a dificuldade inicial dos economistas em lidarem com o elemento comportamental dos empreendedores, uma vez que não estariam habituados a trabalharem com modelos não quantitativos. O autor também apresenta a tentativa falha dos economistas em inserir elementos de racionalidade em algo complexo como o comportamento dos empreendedores. Dessa forma, a busca pelo conhecimento aprofundado do comportamento do empreendedor levou o universo do empreendedorismo a voltar-se para os comportamentalistas (FILION, 1999, p.8). Assim, Filion (1999) entende a abordagem comportamentalista como um

campo de estudo que analisa os aspectos criativo e intuitivo do empreendedor. Nessa direção, o autor apresenta David C. McClelland (1917 – 1998) como pesquisador referência da área comportamental, que direciona seu trabalho na motivação e no desejo de realização do indivíduo.

Para McClelland (1961), um empreendedor é alguém que exerce controle sobre uma produção que não seja só para o seu consumo pessoal. Além disso, o empreendedor possui características psicológicas próprias como a motivação para realização, capacidade de identificar oportunidades, liderança, iniciativa e disposição para assumir riscos calculados. O autor se destacou por uma pesquisa realizada em 34 países, identificando dez características comportamentais empreendedoras (CCEs).

McClelland (1961), afirma que uma pessoa empreendedora é aquela que utiliza com certa frequência e certa intensidade as CCEs. Desse modo, o sucesso empresarial consiste não somente no desenvolvimento de habilidades específicas, tais como finanças, marketing e produção, mas também das habilidades empreendedoras, através do aperfeiçoamento de tais características. O Quadro 1 apresenta as dez CCEs que são divididas em três grandes grupos inter-relacionados.

Quadro 1 - Características Comportamentais Empreendedoras de McClelland

Necessidade de Realização	Necessidade de Planejamento	Necessidade de Poder
Busca de oportunidade e iniciativa	Busca de informações	Persuasão e rede de contatos
Correr riscos calculados	Estabelecimento de metas	Independência e autoconfiança
Exigência de qualidade e eficiência	Planejamento e monitoramento sistemáticos	-
Persistência	-	-
Comprometimento	-	-

Fonte: Adaptado de McClelland (1961).

Em seu artigo, Filion (1999) levanta algumas críticas sobre os trabalhos de McClelland, ao questionar se somente a necessidade de realização seria suficiente para explicar a criação de novos empreendimentos e o sucesso dos empreendedores. O autor também critica a simplicidade na qual a necessidade de realização foi concebida por McClelland, ao explicar o desenvolvimento social e a prosperidade somente pelos fatores de necessidade de realização e necessidade de poder. Nesse sentido, Filion (1999) levanta outros autores que buscam compreender o desenvolvimento das sociedades por outras vertentes, a exemplo das ideologias religiosas e liberais.

Outro ponto de análise de Filion (1999) diz respeito a dificuldade de estabelecer um perfil psicológico científico do empreendedor, ainda que seja feito por meio de metodologias impecáveis.

Isso ocorre porque existem diferenças nas amostragens, uma vez que a cultura familiar, religião, empregos anteriores e valores da comunidade são alguns dos fatores que impactam na amostra. Nesse sentido, o empreendedorismo atua como um “fenômeno regional”, uma vez que o comportamento do empreendedor é o “protótipo do ser social”. O autor também ressalta a influência do modelo na família e do meio para que o indivíduo apresente maiores chances de se tornar um empreendedor. Para Filion (1999) o “empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”, em que o termo “visões” representa a habilidade de definir e alcançar objetivos. Nas palavras do autor, o empreendedor é:

uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar seu papel de empreendedor (FILION, 1999, p.19).

Continuando a apresentação das definições de “empreendedor”, Dornelas (2008) o define como aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ele, assumindo riscos calculados. Segundo o autor, o empreendedor tem como objetivo se aperfeiçoar, surpreender os clientes, inovar e buscar novas oportunidades de produtos. Em concordância, os autores Hisrich e Peters (2004) descrevem que ser empreendedor presume assumir riscos calculados, ser criativo, se dedicar e inovar. Segundo os autores, apesar das diversas definições sobre a temática, em todas elas encontram-se, pelo menos, os seguintes aspectos:

1) tem iniciativa para criar um novo negócio e paixão pelo que faz; 2) utiliza os recursos disponíveis de forma criativa, transformando o ambiente social e econômico onde vive; 3) aceita assumir os riscos calculados e a possibilidade de fracassar (HISRICHE PETERS, 2004, p. 29).

Dadas as diversas percepções sobre a temática, para dar sequência ao trabalho a principal referência a ser considerada será o conceito proposto por Wennekers e Thurik (1999). A definição se ajusta à proposta de ensino de empreendedorismo como possível fator de crescimento econômico e sintetiza os principais aspectos relacionados à atividade empreendedora, como inovação, incerteza, risco e mudança. Segundo os autores, o empreendedorismo:

é a habilidade manifesta e vontade de indivíduos, seja por conta própria, em equipe, dentro ou fora de organizações existentes, de: detectar e criar novas oportunidades econômicas (novos produtos, novos métodos de produção, novos esquemas organizações e novas combinações de produtos no mercado) e para introduzir suas ideias no mercado, mediante incertezas e outros obstáculos, ao tomar decisões quanto a local, forma e aproveitamento de recursos e instituições. Essencialmente, empreendedorismo é uma característica comportamental das pessoas (WEENEKERS; THURIK, 1999, p. 46 e 47)².

O Quadro 2 aborda as principais definições apresentadas neste trabalho sobre empreendedorismo. Buscou-se identificar autores clássicos que caracterizaram a temática nos eixos econômico, comportamental e gerencial.

Quadro 2 - Definições de Empreendedorismo

Autor(es)	Definição proposta
Schumpeter (1985)	Empreendedorismo é encarado como a promoção de novas combinações e inovações. Essas combinações são capazes de modificar a ordem vigente por meio de: a introdução de um novo bem; introdução de um novo método de produção; abertura de um novo mercado; conquista de uma nova fonte de oferta de matérias primas ou bens semimanufaturados e constituição ou fragmentação de posição de monopólio.
Drucker (1986)	Empreendedorismo é fruto da prática sistemática da inovação e envolve a organização dos recursos existentes, de forma a explorar novas alternativas e criar mudanças intencionais focadas no potencial econômico do negócio.
Fillion (1999)	Empreendedorismo é um campo de estudo que se traduz num conjunto de práticas capazes de garantir a geração de riqueza. Atua como um fenômeno regional, uma vez que o comportamento do empreendedor é o protótipo do ser social. Está associado a iniciativa e inovação, isto é, às possibilidades de fazer coisas novas e/ou de maneira diferente, como também é associado à capacidade de assumir riscos. Caracterizado pelo papel do empreendedor, uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios.
Wennekers e Thurik (1999)	O empreendedorismo é essencialmente uma característica comportamental das pessoas. Resulta da vontade e capacidade do indivíduo, seja por conta própria, em equipe, dentro ou fora de organizações existentes, de perceber e criar oportunidades de negócios (novos produtos, novos métodos de produção, novos esquemas organizacionais e novas combinações de produtos no mercado) e de introduzir as suas ideias no mercado, perante incerteza e outros obstáculos, tomando decisões quanto a local, forma e aproveitamento de recursos e instituições.

Fonte: Elaborado pela autora.

² Tradução da autora para: *Entrepreneurship is the manifest ability and willingness of individuals, on their own, in teams, within and outside existing organizations, to: – perceive and create new economic opportunities (new products, new production methods, new organizational schemes and new productmarket combinations) and to – introduce their ideas in the market, in the face of uncertainty and other obstacles, by making decisions on location, form and the use of resources and institutions. Essentially, entrepreneurship is a behavioral characteristic of persons.*

2.2. Relações com o desenvolvimento econômico

A partir do recorte da definição de empreendedorismo para este trabalho, parte-se para observações referentes à sua conexão com o crescimento econômico. Dito isso, Wennekers e Thurik (1999) sustentam que “ligar o empreendedorismo ao desenvolvimento econômico também significa conectar o nível individual à empresa, ao macroambiente”. Desse modo, os autores fazem uma representação visual para explicar as interações entre o empreendedorismo e o crescimento econômico conforme explicitado na Figura 1.

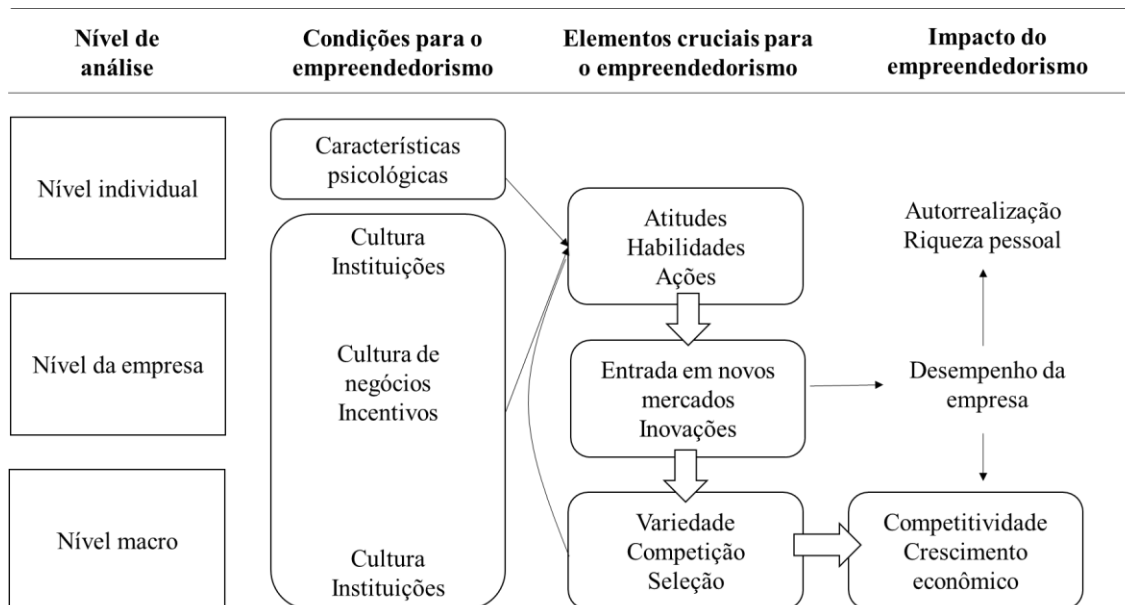


Figura 1 - Interação entre o empreendedorismo e o crescimento econômico

Fonte: Adaptado de Wennekers; Thurik (1999, p. 51)

Segundo os autores, a conexão entre o empreendedorismo e o desenvolvimento econômico ocorre a partir do nível de análise individual, nível da empresa e nível macro. Dessa forma, a nível individual tem-se o indivíduo portador de uma bagagem psicológica que, ao utilizar suas habilidades e partir para a ação, poderá ter como resultados a aquisição de riqueza e autorrealização. Nesse processo, existem os condicionantes como a cultura e as instituições que fazem parte do ambiente em que o indivíduo está inserido.

As ações desencadeadas pelo indivíduo aparecem como, por exemplo, a criação de novos processos, produtos e inovações organizacionais, resultando em negócios inovadores e entrada em novos mercados. Ao nível da empresa, essas ações são importantes para o desempenho organizacional e transformam o potencial produtivo da região (WENNEKERS; THURIK, 1999, p. 50). Como resultado, tem-se o desenvolvimento econômico, efeito de uma cadeia de variáveis que vincula o nível individual ao nível macro.

Outros autores também abordam o papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico. Por exemplo, Hisrich e Peter (2014) citam que a atividade empreendedora “envolve mais do que apenas o aumento de produção e renda per capita; envolve iniciar e constituir mudanças na estrutura do negócio e da sociedade”. Destacam-se ainda os meios de se mensurar o empreendedorismo e seus resultados econômicos por parte do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM).

O GEM teve início em 1999 a partir de uma parceria de pesquisa acadêmica entre a *London Business School* localizada no Reino Unido e *Babson College* nos Estados Unidos. Atualmente o GEM é reconhecido como a maior pesquisa cooperativa sobre empreendedores e seus empreendimentos no mundo. Em suma, a pesquisa apura a percepção que a sociedade, em cada um dos países, manifesta sobre o empreendedorismo. São considerados empreendedores aquelas pessoas que criaram ou estão criando qualquer tipo de empreendimento, mesmo que sejam simples ou gerados pela necessidade de subsistência (GEM, 2018).

De acordo com o estudo, 52 milhões de brasileiros entre 18 e 64 anos estavam liderando alguma atividade empreendedora em 2018, seja na criação e consolidação de um novo negócio, ou realizando esforços para a manutenção de negócios já estabelecidos. Um número bastante expressivo, visto que equivale a 38% da população nessa faixa etária. A Tabela 1 aponta as políticas governamentais, apoio financeiro, educação e capacitação como os principais fatores limitantes para a abertura e manutenção de novos negócios no Brasil em 2018. Seguindo os objetivos desse trabalho, na próxima seção serão apresentadas as recomendações listadas no GEM em 2018 para o fomento à educação e capacitação. Destaca-se ainda os autores que apontam a educação empreendedora como fator de contribuição para o desenvolvimento econômico.

Tabela 1 - Principais fatores limitantes para a abertura e manutenção de negócios

Fatores	% dos especialistas³
Políticas governamentais	73,8
Apoio financeiro	42,9
Educação e capacitação	40,5

Fonte: GEM Brasil (2018).

2.3. A educação para o empreendedorismo

Durante o processo de coleta de dados para o GEM (2018) foram realizadas entrevistas com profissionais denominados “especialistas”, que são pessoas consideradas detentores de conhecimento e experiência na temática do empreendedorismo e suas variantes. Os especialistas apresentaram algumas recomendações frente aos principais fatores limitantes para a atividade empreendedora no Brasil. Dentre as sugestões e proposições indicadas, destacam-se as proposições para as áreas de educação e capacitação conforme descrito no Quadro 3. Nota-se a colocação da temática empreendedorismo na formação básica, desde o ensino fundamental.

Quadro 3 - Recomendações para as áreas de educação e capacitação

Maior difusão da educação empreendedora nas escolas, desenvolvendo práticas que estimulem o empreendedorismo infanto-juvenil.

Além da elevação da qualidade da educação, de forma geral, é necessária a inclusão da temática do empreendedorismo nos diferentes níveis do percurso formativo, com início no ensino fundamental e estendendo-se até o ensino de formação superior, em níveis de graduação e pós-graduação. Ao longo dessa formação, os discentes participantes desses programas poderão discernir, de forma mais assertiva, seus interesses e condições objetivas para se tornar um empreendedor ou não.

Promover conscientização para a conversão de *early adopters*, favorecendo, assim, os negócios focados em diversificação de mercado.

Valorização dos professores como forma indispensável, para a melhoria da educação em todos os níveis e em todos os contextos gerais e específicos relacionados com a temática empreendedora.

Desenvolvimento de iniciativas com foco em aumentar a produtividade geral do país relacionadas à educação da força de trabalho.

Fonte: *Global Entrepreneurship Monitor, 2018.*

Drucker (1996) também reforça a necessidade da educação para o empreendedorismo e acrescenta que os trabalhadores têm a necessidade de estar sempre aprendendo em uma sociedade

³ Percentual dos respondentes que mencionaram o fator. O especialista pode ter mencionado mais de um fator.

empreendedora. Segundo ele, a inovação é algo que pode ser ensinado e aprendido, o que permite ao empreendedor um direcionamento para atingir o sucesso. Já Dolabela (2008), propõe o ensino de empreendedorismo para o desenvolvimento de uma cultura de geração e distribuição de riquezas.

A introdução da cultura empreendedora no ensino médio e universitário é o primeiro passo na persecução de um objetivo maior: a formação de uma cultura em que tenham prioridade valores como combate à miséria através da geração e distribuição de riquezas, inovação, criatividade, sustentabilidade, liberdade (DOLABELA, 2008, p.18).

Conforme indicado acima, a inserção de temas relacionados à atividade empreendedora no programa de ensino das escolas tem se mostrado uma alternativa para a promoção do empreendedorismo e conseqüentemente desenvolvimento econômico. Dolabela (2003) apresenta três níveis de influência na formação do empreendedor, são eles: nível primário que é composto por familiares, conhecidos e as ligações existentes em torno de mais de uma atividade; nível secundário que é composto pelas ligações em torno de determinada atividade que o indivíduo desenvolve; e nível terciário, composto por cursos, livros, viagens, feiras, congresso, entre outros.

Como afirma o autor, “a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora” (DOLABELA, 2003, p. 15). Para o autor, a capacidade empreendedora está relacionada às habilidades: perseverança, iniciativa, criatividade, protagonismo, energia, rebeldia a padrões impostos, capacidade de diferenciar-se, liderança, orientação para o futuro, imaginação, proatividade, tolerância a riscos moderados, alta tolerância a ambiguidades e incertezas. Assim, o ensino de temas voltados à atividade empreendedora no ensino básico apresenta-se como uma alternativa de desenvolver comportamentos empreendedores desde os anos iniciais da educação (DORNELAS, 2008).

Mais recentemente, Lackéus (2015) divide a educação para o empreendedorismo nas visões estrita e ampla. De acordo com a definição estrita, o autor ressalta que o empreendedorismo está ligado a identificação de oportunidades, desenvolvimento de negócios e criação de empresas. Sendo assim, o objetivo seria o treinamento dos indivíduos para a abertura de empresas e desenvolvimento de negócios. Já pela definição ampla, o termo empreendedorismo está vinculado ao desenvolvimento de competências e habilidades, como a criatividade, autoconfiança, iniciativa e proatividade (LACKÉUS, 2015, p.9).

O pesquisador discorre sobre os efeitos da educação empreendedora que vão além do nível individual, pois também colabora para o desenvolvimento econômico. Nesse sentido, Lackéus (2015) cita alguns dos obstáculos para a efetivação do ensino de empreendedorismo, como a “falta de tempo e de recursos, medo dos professores sobre a visão do comercialismo, impedindo estruturas educativas, dificuldades de avaliação e falta de clareza de definição”⁴ (LACKÉUS, 2015, p.6).

Conforme discutido em seu artigo, Lackéus (2015) argumenta que a criação de empregos, crescimento econômico e inovação são razões frequentemente declaradas para a educação empreendedora, no entanto, elas se apresentam menos eficazes para escolas e abordagens integradas. Segundo o autor, essas razões levaram o empreendedorismo a ter força na agenda política, pautados na justificativa de fomento ao desenvolvimento econômico, mas não contribuem para o surgimento de abordagens pedagógicas integradas entre os níveis de ensino.

Segundo o autor, o modo mais interessante de incentivar a educação empreendedora é a partir do desenvolvimento de habilidades e o incentivo pelo empreendedorismo social, voltado para a resolução de problemas sociais. Dessa forma, o fomento à criatividade, comprometimento e proposição de desafios são raramente considerados como parte do ensino de empreendedorismo, mas são promissores para as escolas e as abordagens pedagógicas integradas (LACKÉUS, 2015).

2.4. Histórico do ensino de empreendedorismo no Brasil

Segundo Frigotto (2001), o destaque para ensino de empreendedorismo no Brasil se tornou presente no final da década de 1980 e início da década de 1990, e está relacionado ao momento econômico e político do país. Segundo o autor, esse período foi caracterizado pela mundialização do capital e flexibilização do trabalho, bem como recomposição do sistema produtivo.

O primeiro curso de empreendedorismo no ambiente acadêmico brasileiro foi ofertado pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV – EAESP) em 1981 (DOLABELA, 2008). Já em 1984, a Faculdade de Economia, Administração e

⁴ Tradução da autora para: “*Lack of time and resources, teachers’ fear of commercialism, impeding educational structures, assessment, difficulties and lack of definitional clarity*”.

Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP) ofereceu uma disciplina para o Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1989, foi criado o Centro Integrado de Gestão Empreendedora pela FGV e, a partir da década de 1990, o ensino de empreendedorismo no Brasil ganhou forças e foi se consolidando na educação superior. Silva (2015) ainda cita outras iniciativas como o Centro de Estudos Avançados em Recife, o Programa de Formação de Empreendedores da USP, Escola de Novos Negócios e Escola de Novos Empreendedores da Universidade Federal de Santa Catarina, todos em 1992. Em 1997, destaca-se o Projeto Gênesis⁵, o qual fomenta a incubação universitária, pesquisa e ensino.

Na educação básica, os primeiros movimentos de educação para o empreendedorismo iniciaram em parceria com o SEBRAE em 1995, na cidade de Fortaleza (COAN, 2011). Em seguida, a temática foi reforçada e disseminada pela Pedagogia Empreendedora desenvolvida por Fernando Dolabela (2003). O autor propôs que, com a aplicação da metodologia, seria possível desenvolver competências individuais e coletivas, de forma a promover valor para a sociedade. Para Dolabela (2003), os empreendedores atuam como figuras inspiradoras para outras gerações, não sendo por acaso a criação do Livro O Segredo de Luísa (Dolabela, 1999a), em 1999, no qual o autor narra a trajetória empreendedora de Luísa Trajano.

Outro programa de destaque foi o projeto Fazendo Acontecer, coordenado por José Carlos de Assis Dornelas⁶. O projeto surgiu a partir de um pedido da Frente Parlamentar do Empreendedorismo da Assembleia Legislativa de São Paulo e pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo com o objetivo de incluir a temática empreendedorismo no ensino médio. Já em 2013, foi lançado o Pronatec Empreendedor⁷ que teve sua origem a partir de uma parceria entre o SEBRAE e o Ministério da Educação (MEC). A proposta do programa era de incluir em cursos da rede pública de Ensino Técnico a disciplina de empreendedorismo em seus currículos. Nesse sentido, o programa trabalhava com a inserção de conteúdos sobre empreendedorismo nos cursos ofertados pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego⁸ (PRONATEC), entre os cursos escolhidos para a implantação inicial do programa estão o curso técnico em informática,

⁵ Mais informações disponíveis em <<http://www.genesis.puc-rio.br/historico>>. Acesso em 30 dez. 2019.

⁶ José Carlos Assis Dornelas é mestre e doutor pela USP e pós-doutor pelo Babson College. Mais informações disponíveis em <<http://www.josedornelas.com.br/biografia/>> e <<http://lattes.cnpq.br/>> Acesso em 30 dez. 2019.

⁷ Mais informações disponíveis em <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35743>>. Acesso em 31 dez. 2019.

⁸ Mais informações disponíveis em <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

técnico em promotor de vendas e técnico em cabeleireiro. Destaca-se que não foram encontradas informações referentes a continuidade do programa Pronatec Empreendedor após o ano de 2015.

Recentemente, em outubro de 2019, foi lançado o Programa Novos Caminhos⁹ desenvolvido pelo MEC. O programa se constitui num conjunto de ações para o fortalecimento da política de Educação Profissional e Tecnológica e no planejamento da oferta de cursos alinhada às demandas de mercado. Nesse sentido, estão previstas ações divididas em três eixos: (1) Gestão e Resultados; (2) Articulação e Fortalecimento; e (3) Inovação e Empreendedorismo. As iniciativas vão desde melhorias na regulação da oferta de cursos técnicos, formação de professores, bem como a ampliação da oferta de cursos profissionais e técnicos com ênfase no itinerário formativo do Novo Ensino Médio¹⁰.

2.5. Para além do ensino básico

Apesar de o presente trabalho estar direcionado para a educação básica, o ensino de empreendedorismo foi impulsionado no ambiente universitário e tem-se consolidado desde então. Nesse sentido, esse tópico tem por objetivo apresentar o *Ranking* das Universidades Empreendedoras¹¹ desenvolvido pela Brasil Junior¹² e apresentar o panorama geral de fomento ao empreendedorismo nas universidades brasileiras.

O *Ranking* iniciou-se em 2016 e atualmente é referência no Brasil, nele, são apresentadas as iniciativas das universidades considerando os pilares: capital financeiro, cultura empreendedora, extensão, infraestrutura, inovação e internacionalização. Ele é desenvolvido a partir da coleta e análise de dados providas de três diferentes fontes, sendo elas: a pesquisa de percepção que tem como objetivo reunir as compreensões dos próprios alunos das universidades brasileiras; a coleta

⁹ Mais informações disponíveis em <<http://portal.mec.gov.br/novoscaminhos/como-participar/index.html>>. Acesso em 01 jan. 2020.

¹⁰ Mais informações disponíveis em <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/pagina-inicial>> e <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>>. Acesso em: 01 jan. 2020.

¹¹ Mais informações disponíveis em <<https://universidadesempreendedoras.org/wp-content/uploads/2019/10/ranking-2019.pdf>>. Acesso em 01 jan. 2020.

¹² A Brasil Junior é uma associação civil sem fins lucrativos formada por alunos do ensino superior ou técnico, regulamentada no Brasil através da Lei 13.267/2016. Mais informações disponíveis em <<https://www.brasiljunior.org.br/>>. Acesso em 01 jan. 2020.

por meio dos embaixadores que visa obter informações autodeclaradas pelas universidades e os dados de fontes secundárias, que objetivam complementar o *ranking*.

Em 2019, o projeto avaliou 123 universidades presentes nas 27 unidades federativas e consultando aproximadamente 15.000 universitários. Para o desenvolvimento do *ranking*, utilizou-se a premissa de que a universidade empreendedora é uma comunidade acadêmica inserida em um ecossistema favorável, que desenvolve a sociedade por meio de práticas inovadoras.

A Tabela 2 traz a lista das dez primeiras colocadas no Ranking de Universidades Empreendedoras em 2019. A USP foi a primeira classificada com nota 7,36, seguida da Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal de Minas Gerais, com notas 6,71 e 5,83 respectivamente. Apesar das crescentes iniciativas para fomento ao empreendedorismo, nota-se que somente oito das 123 universidades ranqueadas tiveram nota maior que 5,00 na escala de 0 a 10. Esse número representa 6,5% das universidades participantes do *ranking*. Ao serem questionados sobre a Educação Empreendedora, 47% dos alunos entrevistados discordam que tenham uma grade curricular propícia para esse desenvolvimento (BRASIL JUNIOR, 2019).

Tabela 2 - Ranking das Universidades Empreendedoras 2019

Posição	Universidade	UF	Categoria	Região	Nota
1°	Universidade de São Paulo (USP)	SP	Estadual	Sudeste	7,36
2°	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	SP	Estadual	Sudeste	6,71
3°	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	Federal	Sudeste	5,83
4°	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	Federal	Sul	5,47
5°	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	MG	Federal	Sudeste	5,41
6°	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	Federal	Sul	5,19
7°	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	SP	Estadual	Sudeste	5,14
8°	Universidade Federal de Brasília (UNB)	DF	Federal	Centro-Oeste	5,05
9°	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	RS	Federal	Sul	4,98
9°	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	MG	Federal	Sudeste	4,98

Fonte: Brasil Junior (2019).

De acordo com o Censo da Educação Superior 2018¹³ promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), existem no Brasil 299 Instituições de Educação Superior (IES) públicas e 2.238 privadas. Do total de 2.537 IES brasileiras, 81,5% são faculdades, 9,1% centros universitários, 7,8% universidades e 1,6% de Institutos Federais (IF) e Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET). No entanto, 52,9% das matrículas na

¹³ O Censo da Educação Superior é o levantamento estatístico sobre as IES brasileiras e sua oferta de cursos. Mais informações disponíveis em <<http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em 31 dez. 2019.

educação superior estão concentradas nas universidades e apenas 22% estão nas faculdades (INEP, 2018).

Dessa forma, percebe-se que a amostragem do Ranking de Universidade Empreendedoras abordou o ecossistema de Universidades existentes no Brasil, atingindo 123 das 199 universidades. Porém, não é possível inferir que o Ranking seja um retrato das IES, uma vez que apesar das universidades possuírem 52,9% das matrículas no ensino superior, as universidades equivalem a somente 7,8% das instituições. Para tal, seria necessário que a pesquisa caracterizasse toda a amostra, sendo realizada também com as faculdades, centros universitários, IFs e CEFETs que juntos, somam 92,2% do total de IES no País.

2.6. Organizações de fomento ao empreendedorismo

A partir do histórico do empreendedorismo no Brasil, as organizações a seguir foram selecionadas pela autora devido à sua representatividade no contexto de promoção do empreendedorismo.

2.6.1. Softex

A Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro (Softex)¹⁴ é uma Organização Social Civil de Interesse Público. A organização atua desde 1996 no desenvolvimento de ações para promover a melhoria da competitividade da Indústria Brasileira de Software e Serviços de Tecnologia da Informação. Segundo Dornelas (2008), a trajetória da Softex se confunde com a própria história do empreendedorismo no Brasil. Isso acontece dado que a instituição surgiu a partir da necessidade de pequenos e médios empresários de software de se prepararem para enfrentar os mercados internacionais. Como exemplo de projeto apoiado pela

¹⁴ Mais informações em <<https://softex.br/>> Acessado em 02/01/2020.

Softex, destaca-se o Projeto Gênesis, que teve início com uma pré-incubadora na área de informática e um conjunto de três disciplinas de empreendedorismo, nas áreas de comportamento, finanças e planejamento na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

2.6.2. Sebrae

O Sebrae é uma instituição privada, sem fins lucrativos, criada em 1972 com atuação em todos os estados brasileiros. O Sebrae atua no fortalecimento do empreendedorismo e na promoção do desenvolvimento econômico, por meio de programas de capacitação, parcerias com os setores público e privado, acesso ao crédito, estímulo ao associativismo, feiras e rodadas de negócios.

Dornelas (2008) apresenta o Sebrae como uma organização que atua na disseminação e capacitação empreendedora no Brasil. Dentre as principais iniciativas direcionadas para o empreendedor está o Programa EMPRETEC, que consiste em seminários, workshops e dinâmicas para o aperfeiçoamento das habilidades do empreendedor. O programa é executado pelo Sebrae em parceria com o Programa das Ações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e com a Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores. A origem do EMPRETEC está embasada nos estudos de McClelland (1961) voltados para o desenvolvimento das Características Comportamentais Empreendedoras. Com duração de seis dias, os participantes são instigados a entender suas características comportamentais, definir metas e objetivos, além de fazer avaliações sistemáticas do planejamento dos próprios negócios.

O campo de Educação Empreendedora no Sebrae teve início em 2013, com o objetivo de disseminar a temática por meio de conteúdos de empreendedorismo nos currículos dos diferentes níveis da educação. Nesse sentido, o Sebrae desenvolve diversas iniciativas presenciais e a distância como cursos, palestras, seminários, capacitações, prêmios, entre outros. Nos processos educacionais, a área de Educação Empreendedora atua no desenvolvimento de competências e inserção sustentada no mundo do trabalho.

Dentre as iniciativas, destacam-se o Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora e o Prêmio Sebrae de Educação Empreendedora. O Centro de Referência em

Educação empreendedora busca produzir e compartilhar conhecimentos, elaborar estudos, pesquisas e ferramentas com foco no desenvolvimento e fomento da educação para o empreendedorismo. Já o Prêmio Sebrae de Educação Empreendedora foi criado em 2019 com o objetivo de estimular, reconhecer e divulgar práticas de educação empreendedora aplicadas em instituições de ensino de todo o país. O prêmio visa identificar iniciativas, atividades e projetos que estão sendo desenvolvidos nas salas de aulas e que estimulem a atitude empreendedora entre os estudantes de ensino básico, profissional e universitário.

2.6.3. Associação Junior Achievement

A Junior Achievement (JA) é uma fundação educativa, sem fins lucrativos, mantida pela iniciativa privada, criada nos Estados Unidos em 1919. A instituição foi instituída por dois empresários, Horace A. Moses (1863 – 1947) e Theodore Newton Vail (1845 – 1920), presidentes da Strathmore Paper Company e da AT&T, respectivamente. Em 1955 a Junior Achievement iniciou sua expansão no Canadá e, em 1989, já atuava em quinze países. Atualmente, mais de 100 países aplicam os programas da organização e são mais de 10 milhões de estudantes atendidos por ano¹⁵.

A JA chegou no Brasil em 1983 e o primeiro programa foi implementado em São Paulo no ano de 1984 para alunos de escolas particulares de língua inglesa. Em seguida, o Estado do Rio Grande do Sul assumiu os projetos e se tornou a sede da instituição no País (LIMA, 2008). Ao todo, são mais de 5 milhões de jovens e 150 mil voluntários impactados no Brasil (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2020).

Com a missão de “Despertar o espírito empreendedor nos jovens, ainda na escola, e proporcionar uma visão clara do mundo dos negócios”, a instituição acredita no desenvolvimento do potencial humano e incentiva os jovens a adotar o protagonismo e responsabilidade pelos seus próprios destinos. Nesse sentido, trabalha-se para “despertar o espírito empreendedor” do estudante, ao contribuir para o desenvolvimento de habilidades como foco, ambição, coragem para correr riscos, perseverança e confiança em si próprio (LIMA, 2008). A aplicação dos programas

¹⁵ Mais informações disponíveis em <<https://www.jabrasil.org.br/sobre-nos>>. Acesso em 05 jan. 2020.

ocorre em parceria com escolas e voluntários, que dedicam parte de seu tempo ensinando e compartilhando suas experiências com os estudantes. Destacam-se alguns programas a seguir:

- a) Programa Miniempresa: Proporciona uma experiência prática em negócios através da organização e da operação de uma empresa estudantil;
- b) Programa Introdução ao Mundo dos Negócios: Busca apresentar aos jovens noções sobre economia de mercado;
- c) Empresário Sombra por um Dia: Permite ao jovem vivenciar um dia de trabalho de um profissional;
- d) Habilidades para o Sucesso, Economia Pessoal e Conectado com o Amanhã: Os programas exploram a descoberta de habilidades a fim de preparar o jovem para escolher da maneira mais assertiva a carreira que irá seguir durante sua trajetória profissional; e,
- e) *Management and Economics Simulation Exercise*: Uma simulação que possibilita aos jovens operar suas próprias empresas em um ambiente que reproduz o mercado de negócios.

2.7. Metodologias aplicadas para o ensino de empreendedorismo

A formação empreendedora tem uma característica multidisciplinar (BOYLES, 2012; ROCHA E FREITAS, 2014). Dentre as opções pedagógicas para a formação empreendedora destacam-se a participação em palestras, recomendações de leituras, estudos de caso, visita a empresas, *brainstorming*, simulações e projetos desenvolvidos em grupos (DOLABELA, 2008; ROCHA E FREITAS, 2014). Os autores Rocha e Freitas (2014) apresentam três pilares para a educação empreendedora, que estão baseados na proposta da *European Commission Enterprise and Industry Directorate - General* de 2008. Conforme a Figura 2, os pilares do ensino de empreendedorismo estão pautados no desenvolvimento de competências de forma vivencial.

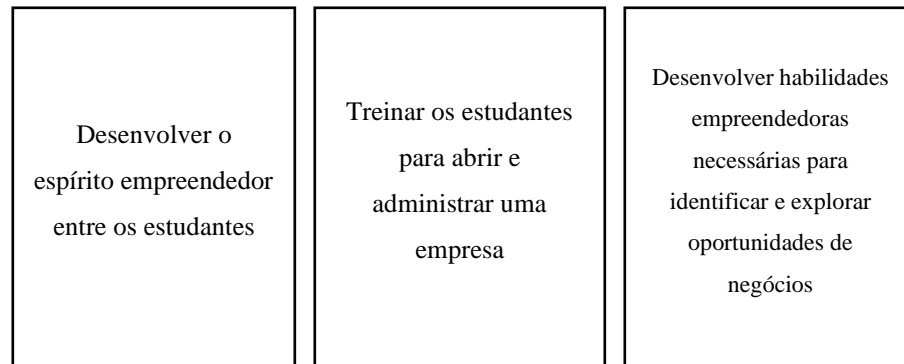


Figura 2 - Pilares do Ensino do Empreendedorismo segundo Rocha e Freitas

Fonte: Adaptado de Rocha e Freitas (2014).

Além disso, Rocha e Freitas (2014) apresentam duas perspectivas sobre a educação empreendedora, uma com a proposta pedagógica de cunho teórico e a outra com uma abordagem teórico e prática, com foco na ação. Nesse sentido, os pesquisadores defendem uma linha mais voltada para a prática, valendo-se de recursos pedagógicos mais dinâmicos como visitas em empresas, competição de planos de negócio, jogos de empresas, entre outros.

Em 1996, a UNESCO publicou um relatório da Comissão Internacional de Educação no qual continha as diretrizes para a educação no século XXI, colocando a educação ao longo da vida como o principal fator nesse processo. Dessa forma, Delors (1998) fundamentou o processo de aprendizagem em quatro eixos que estão descritos no Quadro 4.

Quadro 4 - Eixos da educação para o empreendedorismo segundo Delors

Eixo	Habilidades empreendedoras trabalhadas
Aprender a ser	Preparar-se para agir com autonomia, solidariedade e responsabilidade. Descobrir-se. Reconhecendo suas forças, seus limites e buscando superá-los.
Aprender a conviver	Ter a capacidade de comunicar-se, interagir, decidir em grupo, participar e cooperar.
Aprender a fazer	Aprender a praticar os conhecimentos adquiridos; habilitar-se a ingressar no mundo do trabalho moderno e competitivo, tendo como foco a formação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe e a capacidade de tomar iniciativa.
Aprender a aprender	Despertar a curiosidade intelectual, o sentido crítico, a compreensão do real e a capacidade de discernir.

Fonte: Delors (1998).

Com base no proposto acima, listou-se três dos programas mais conhecidos e disseminados que utilizam abordagens diversas da educação para o empreendedorismo. Os programas foram: o Programa Miniempresa, objeto de pesquisa do presente trabalho; a Pedagogia Empreendedora de

Dolabela; o Programa Fazendo Acontecer de Dornelas, devido à relevância dos autores e abrangência do projeto no Brasil; e o Método Berkeley de empreendedorismo (*BMoE Bootcamp*), dado seu reconhecimento internacional e presença no Vale do Silício, considerado maior polo de inovação e empreendedorismo do mundo.

2.7.1. O Programa Miniempresa

O Programa Miniempresa é considerado o “carro-chefe” da JA e consiste na criação de empresas estudantis dentro da escola. O programa é realizado semanalmente, ao longo de quinze semanas, com duração de 3h30min, nas dependências das escolas, durante o contraturno escolar. Cada encontro é considerado uma jornada para fins metodológicos e a turma é composta por cerca de trinta alunos.

O Miniempresa utiliza-se do método “aprender a fazer”, o qual pressupõe a interação dos conteúdos teóricos e práticos para promover uma educação vivencial baseada em relacionamento interpessoal, interdisciplinaridade, capacidade de tomar iniciativa e visão sistêmica da sociedade.

A metodologia do programa trabalha os quatro eixos que orientam a educação conforme apresentado por Delors (1998), que são: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a aprender. Dessa forma, espera-se que os estudantes aprendam, na prática, conceitos de livre iniciativa, mercado, comercialização e produção, acompanhados por quatro profissionais voluntários das áreas de Marketing, Finanças, Recursos Humanos e Produção.

Para a realização da Miniempresa, a equipe da Junior Achievement realiza uma capacitação com os voluntários, que são intitulados *Advisers*. Além disso, os voluntários recebem o Manual do *Adviser* que contém o detalhamento de cada jornada e dicas em como conduzir o programa. Já os estudantes, recebem o Manual do *Achiever*, com a estrutura do programa e os conteúdos abordados de uma forma dinâmica, voltados para o aprendizado na prática.

A cada jornada, são trabalhados diferentes assuntos que, somado aos anteriores, colabora para o desenvolvimento da empresa criada pelos estudantes. O programa engloba três etapas, conforme descrito no Quadro 5.

Quadro 5 - Fases do Programa Miniempresa

Encontros semanais	Fases do projeto	O que será desenvolvido
Jornadas 1, 2, 3, 4 e 5	Idealização do Negócio	Ideias para o negócio (<i>brainstorming</i>); Estudo de viabilidade; Pesquisa de mercado; Capitalização; Eleição de diretoria e presidência; Planejamento financeiro; Prototipagem.
Jornadas 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13	Operacionalização do Negócio	Produção do produto escolhido pela turma; Gestão da Miniempresa; Auditoria. Entrega dos relatórios;
Jornadas 14 e 15	Encerramento	Assembleia geral com acionistas; Ação social.

Fonte: Junior Achievement [ca. 2018].

Em resumo, nas primeiras jornadas, a turma, orientada pelos *Advisers*, é responsável por definir um nome para a empresa, eleger diretoria e presidência, definir o produto que será produzido e realizar o protótipo do mesmo. Para isso, a turma participa de uma jornada mais teórica, voltada para o financeiro. São detalhados os custos necessários para a produção do produto escolhido, com base no protótipo realizado e, em seguida, é calculado o capital social para que a empresa inicie suas atividades. Os estudantes aprendem, na prática, os conceitos de investimento inicial, custos fixos e variáveis, ponto de equilíbrio. Além disso, também consideram no cálculo do capital social, os salários e encargos trabalhistas. Para a condução da miniempresa, cada integrante recebe um “salário” por jornada, sendo este, no valor de R\$1,50 para os funcionários, R\$2,00 para os diretores de Marketing, Produção, Recursos Humanos e de Finanças e R\$2,50 para o presidente. A miniempresa também calcula os custos com material de escritório, equipamentos que sejam necessários para a produção do produto, aluguel simbólico do espaço de trabalho, dentre outros. Ao definir o capital social necessário, cada integrante da miniempresa é responsável por vender uma ação para um ator externo e por comprar uma ação, se tornando um acionista da miniempresa.

Com o capital social em mãos, a turma inicia as atividades de produção e venda de seus produtos. Cada diretor é responsável por criar metas e preencher os relatórios de cada área da empresa e apresentá-los à equipe de trabalho sempre ao final de cada jornada. No decorrer do processo produtivo, a turma também passa por um processo de auditoria, em que um representante da Junior Achievement, na função de auditor, é responsável por verificar todos os processos, notas fiscais e auxiliar os estudantes no preenchimento adequado das planilhas.

Por fim, na etapa de encerramento, o presidente é responsável por convocar uma assembleia geral dos acionistas. A solenidade ocorre na última jornada do Programa Miniempresa, em que os estudantes apresentam os resultados do projeto, realizam os pagamentos de salários, comissões e distribuem os lucros ou prejuízos para os acionistas. Além disso, durante a assembleia dos acionistas é comunicado o valor direcionado para o pagamento de impostos. Destaca-se uma importante etapa do projeto, em que todo o valor direcionado para os impostos, por se tratar de uma empresa estudantil, é destinado para uma ação social a ser escolhida pelos próprios estudantes.

2.7.2. A pedagogia empreendedora de Dolabela

A Pedagogia Empreendedora propõe um novo posicionamento da escola frente as transformações sociais. A partir dos resultados da aplicação da metodologia no ensino básico em 93 municípios brasileiros, com participação de 9.000 professores e cerca de 240.000 alunos, apresenta-se a educação empreendedora como uma alternativa para fortalecer os valores empreendedores da sociedade (DOLABELA, 2003). Desse modo, o autor propõe aplicar os conceitos do empreendedorismo para ressignificar a educação, incentivando o protagonismo e desenvolvimento de competências.

O objetivo da metodologia é relacionar o empreendedorismo a “uma forma de ser”, mostrando ao indivíduo a capacidade de produzir mudanças nele próprio e na comunidade. Nesse sentido, Dolabela (2003) extrapola o conceito de empreendedorismo do campo empresarial para o campo educacional, sendo o empreendedor aquele capaz de inovar e de criar novas relações sociais por meio do protagonismo. Para ele, a essência da pedagogia empreendedora está na conexão entre o sonhar e a autorrealização.

Segundo o autor, “o empreendedorismo que nos interessa é aquele capaz de gerar e distribuir renda, conhecimento, poder e riqueza. Assim, o sonho deve subjugar-se à ética, promover cidadania, a cooperação, a democracia, a humanidade” (DOLABELA, 2003, p. 102). Já o empreendedor está relacionado a capacidade de buscar a autorrealização, é aquele “que sonha e busca transformar seu sonho em realidade” (DOLABELA, 2003). Desse modo, a proposta

pedagógica consiste em estimular o estudante a ter e buscar realizar um sonho. Esse sonho, para ele, será o fator motivador na busca pelo conhecimento, uma vez que ele passa a ter uma meta.

Portanto, a pedagogia empreendedora leva o estudante a conhecer-se, entender sua realidade e a natureza do sonho, para então, poder buscar a realização do mesmo. Nesse processo inclui o desenvolvimento das competências empreendedoras, como a motivação, persistência, iniciativa, criatividade, protagonismo, energia, comprometimento e necessidade de autorrealização (DOLABELA, 2003).

2.7.3. Programa Fazendo Acontecer de Dornelas

O programa Fazendo Acontecer iniciou-se ao fim de 2011 como disciplina eletiva direcionada para escolas de ensino médio. A partir de 2016, com a criação do Instituto Fazendo Acontecer¹⁶ de José Dornelas, o projeto expandiu e passou a contemplar oficinas e atividades com foco de aplicação além das escolas estaduais. Dentre as diversas aplicações, o programa teve sua maior atuação nas escolas de ensino integral vinculadas à Secretaria de Educação de São Paulo. Em 2012 foram 16 escolas e em 2013 foram 63 escolas contempladas, atingindo milhares de alunos.

No Quadro 6 está indicado as três fases que compõe a estrutura do Fazendo Acontecer. Nas primeiras duas etapas é explicado ao aluno a introdução do curso, concepção de negócios, gestão financeira e abordagens sobre o empreendedorismo, finalizando com a definição de um produto a ser escolhido pelo estudante. Em seguida, a terceira etapa compreende a elaboração de um mini plano de negócios a ser apresentado ao final do projeto.

As intervenções no programa são realizadas por meio de atividades lúdicas e jogos aplicados por meio de oficinas, dinâmicas, grupos de discussão e aulas expositivas com o objetivo de proporcionar a vivência prática e estimular o empreendedorismo.

¹⁶ Mais informações disponíveis em <<https://www.fazendoacontecer.org.br/>>. Acesso em 05 fev. 2020.

Quadro 6 - Estrutura do Programa Fazendo Acontecer

Bem-vindo ao mundo dos negócios	Bem-vindo ao mundo do empreendedorismo	Fazendo Acontecer
Introdução ao curso; Viajando pelo mundo dos negócios; Competitividade e vantagem competitiva, valor e sustentabilidade; Como cuidar bem do dinheiro.	Desvendando o empreendedorismo; Perfil empreendedor; Criatividade e inovação; Ideia x Oportunidade: (momento para ideação do produto pelo aluno).	Entendendo o mercado, concorrentes e consumidores; Definindo o conceito, produto e a equipe do negócio; Marketing e Vendas; Estrutura e operações do negócio; Estratégia; Finanças; Apresentações dos projetos e dos planos de negócios.

Fonte: Fazendo Acontecer [ca. 2018].

2.7.4. Método Berkeley de empreendedorismo (BMoE Bootcamp)

O *Bootcamp* é um programa intensivo de quatro dias realizado pelo *Sutardja Center for Entrepreneurship & Technology*¹⁷ e reúne alunos da Universidade de Berkeley localizada nos Estados Unidos e especialistas e pessoas do ecossistema de empreendedorismo de vários países. O programa é baseado na metodologia da Universidade de Berkeley (“*The Berkeley Method of Entrepreneurship, BMoE*”) e trabalha a temática empreendedorismo na perspectiva de resolver problemas e superar desafios. Desse modo, o curso aborda a exposição de teorias, estudo de casos, *networking* e intercâmbio de experiências entre alunos, professores e especialistas convidados (ARRUDA et.al, 2016, p.80).

¹⁷ Mais informações disponíveis em <<https://scet.berkeley.edu/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

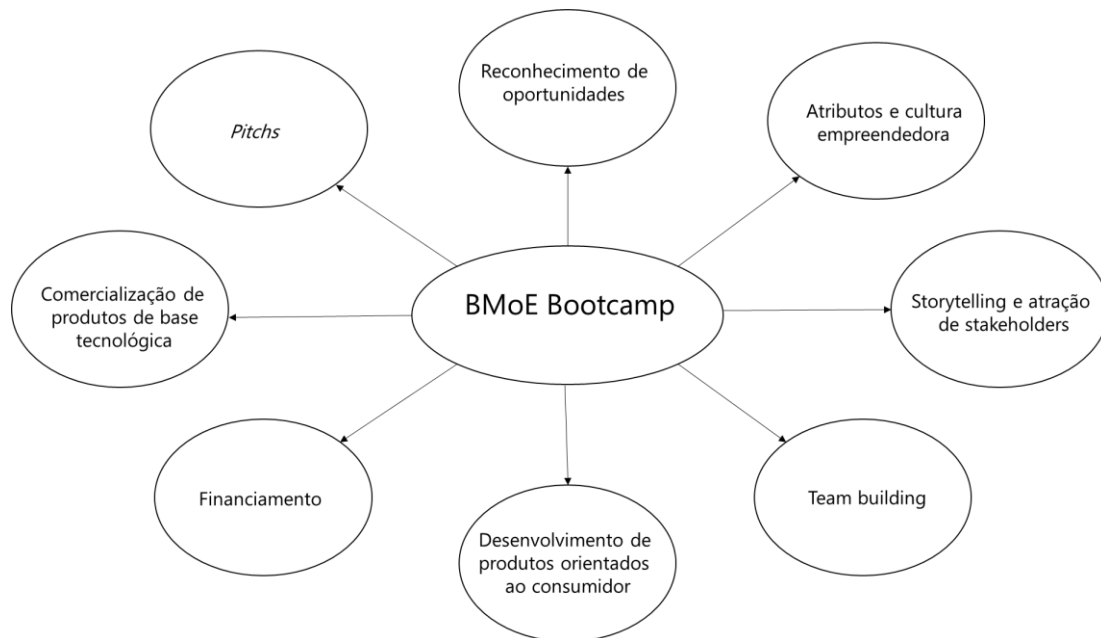


Figura 3 - Temas trabalhados durante o *BMoE Bootcamp*

Fonte: Adaptado de Arruda et.al. (2016).

2.8. Abordagens críticas ao ensino de empreendedorismo

A evolução da temática do empreendedorismo, inclusive no cenário educacional, foi impulsionada pelo contexto neoliberal e por organismos multilaterais como a ONU e a Unesco (COAN, 2011). Nesse sentido, Costa *et. al.* (2011) questionam a abordagem do empreendedorismo enquanto fator de desenvolvimento econômico,

sob a lógica e o controle das empresas, a ideia de empreendedorismo adquire papel primordial na sociedade: assegurar que cada indivíduo assuma, como suas, as metas de reprodução do sistema capitalista (COSTA *et. al.*, 2011, p.192)

Segundo Costa et al. (2011), ao contrário do empreendedorismo atuar como impulsionador do desenvolvimento econômico, o mesmo, promove modelos opressivos de comportamentos que buscam alcançar apenas os objetivos do capital. Nesse sentido, a busca do indivíduo em atingir as “expectativas adequadas e formas certas” de conduta buscam atender os interesses do mercado.

Silva (2015) argumenta que as ações na esfera pública para mudanças na educação são justificadas pelo papel da escola na construção do indivíduo frente ao cenário econômico. O

fomento para a educação empreendedora está associado ao modelo mais exigente e competitivo, atrelado às exigências de mercado. As pessoas empreendedoras são aquelas com competências múltiplas, que possuem liderança, sabem trabalhar em equipe, com alta capacidade de aprender, de empreender, de se adaptar, de resolver situações complexas e de promover transformações. Sendo assim, as ações propostas se baseiam na preparação para o desempenho e eficiência, de forma a representar uma estratégia mercadológica que busca reestruturar as instituições de ensino para cumprir o papel de reprodução social.

Dessa forma, se produz um imaginário da escola como formadora de indivíduos preparados para o mercado, com *status* de empregabilidade. No entanto, o acesso ao emprego e sua permanência depende, exclusivamente, do próprio indivíduo, direcionando a responsabilidade de eventual fracasso a ele próprio, uma vez que o Estado ofereceu condições para competir com igualdade com todos (SILVA, 2015).

Dado as discussões apresentadas acima, Silva (2015) problematiza e discute a educação para o empreendedorismo no contexto de políticas neoliberais, implantadas a partir da década de 1990. Nesse sentido, a autora argumenta que o empreendedorismo propagado pelos organismos multilaterais não é suficiente para garantir a empregabilidade dentro da lógica do mercado. Existe uma visão romantizada da educação empreendedora, ao responsabilizar exclusivamente o indivíduo pelo seu sucesso e fracasso, sem considerar os diversos outros fatores sociais, econômicos, culturais e políticos (COAN, 2011). Para Coan (2011) a educação para o empreendedorismo centra seu foco no indivíduo e na sua capacidade de vencer e progredir, de forma a responsabilizá-lo completamente pelos seus insucessos. Para o autor, apesar do discurso de educação empreendedora ser apresentado como novo, ele está edificado nos princípios do liberalismo clássico e nos discursos de empregabilidade.

Libaneo (2003) por sua vez, afirma que as mudanças afetam a educação escolar de forma a exigir um novo tipo de trabalhador que seja polivalente e flexível. Assim, as prioridades da escola são modificadas, valorizando a educação como formadora de novas competências para a formação de indivíduos compatíveis com os interesses de mercado. Segundo Frigotto (2001), as propostas pedagógicas contribuem para a naturalização das relações capitalistas. Para os autores, a escola é uma instituição social que tem por objetivo formar sujeitos históricos, bem como comunicar a herança cultural para as próximas gerações. Dessa forma, a produção pedagógica deve valorizar

os outros elementos, gerando experiências e aprendizagens mais positivas, incentivando a criatividade para construir conhecimentos e habilidades (SILVA, 2015).

Silva (2015) apresenta a Pedagogia Empreendedora proposta por Dolabela (2003) como uma educação para o empreendedorismo idealizada, que exige do indivíduo uma atuação positiva frente aos desafios do cenário capitalista. Os textos publicados pela Associação Junior Achievement também sugerem uma educação empreendedora idealizada, ao responsabilizar exclusivamente o jovem pelo seu destino, como pode ser observado na própria filosofia da instituição: “A vida é um caminho, não um destino e você é o arquiteto do seu caminho”. Desse modo, a formação empreendedora assume uma postura romantizada, atuando como solução para os problemas sociais, alternativa para ascensão social e promoção da democracia.

Conforme apresentado no decorrer do presente capítulo, não há um consenso entre os estudos com relação à questão do empreendedorismo na educação diante do cenário global, uma vez que existem diferentes linhas de pensamento e correntes ideológicas. Além disso, observa-se que os principais trabalhos críticos ao ensino de empreendedorismo estão ligados ao campo educacional (SILVA, 2015). Ressalta-se que o presente trabalho não possui intenção de assumir papel unilateral de crítica com relação à educação empreendedora no ensino médio. Desse modo, o foco proposto para esta pesquisa é de identificar as implicações da educação empreendedora na educação básica, consciente das limitações e críticas, de forma a discutir a educação empreendedora sob a ótica comportamental na formação de competências empreendedoras propostas por McClelland (1961).

3. METODOLOGIA

Para a construção da pesquisa realizou-se uma ampla revisão de literatura, pesquisas documentais e buscas em relatórios de órgãos públicos e de instituições como o SEBRAE e secretarias de Estado, publicados em meio eletrônico. Posteriormente utilizou-se do procedimento de levantamento (*Survey*), a partir do questionário aplicado pela Junior Achievement e desenvolvido por uma empresa de consultoria contratada¹⁸.

O arcabouço teórico utilizado para este trabalho se deu, principalmente, pelos autores: McClelland (1961), Schumpeter (1985), Drucker (1985), Weenekers e Thurik, (1999), Fillion (1999), Dolabela (2003, 2008), Dornelas (2008) e Lackéus (2015), bem como a referência de autores da área de educação na problematização do ensino de empreendedorismo como Frigotto (2001) e Libâneo (2003).

3.1. Caracterização da pesquisa

A definição de pesquisa refere-se ao processo formal e sistemático de encontrar respostas por meio de métodos científicos. Nesse processo, o presente estudo, do ponto de vista de seus objetivos, caracterizou-se como exploratório e descritivo. No primeiro momento, a pesquisa exploratória se deu à medida que o tema Educação Empreendedora é amplo e foi necessário o esclarecimento e delimitação do escopo da pesquisa. Conforme Gill (2008) a pesquisa exploratória constitui a primeira etapa de uma investigação ampla, o que envolve levantamento bibliográfico e documental. Nesse sentido, a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos. A segunda parte da pesquisa caracterizou-se como descritiva, uma vez que se utilizou do questionário aplicado aos egressos do programa de educação empreendedora para descrever as características dos respondentes e estabelecer relações entre as variáveis apresentadas no questionário. Segundo

¹⁸ Optou-se por preservar o sigilo referente a divulgação do nome da empresa de consultoria.

Gil (2008) uma das características dos estudos descritivos é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como o levantamento de opinião, percepções e crenças de uma população.

Já o delineamento da pesquisa constitui-se nos procedimentos técnicos de coleta e análise dos dados. No projeto em questão, a pesquisa bibliográfica foi utilizada no primeiro momento para subsidiar os dados obtidos, observando as possíveis incoerências e diferentes abordagens de ensino de empreendedorismo. Em paralelo, dados secundários foram coletados por meio de pesquisa documental. Enquanto a pesquisa bibliográfica utiliza-se das contribuições de vários autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 2008).

Segundo Gil (2008), na maioria dos levantamentos (*survey*) os respondentes são selecionados mediante procedimentos estatísticos a fim de coletar uma amostra significativa de todo o universo. As conclusões obtidas a partir dessa amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos.

Dentre as limitações metodológicas, destaca-se que as análises realizadas a partir da pesquisa com egressos do programa Miniempresa estão restritas aos respondentes e não devem ser projetadas para a totalidade do universo da pesquisa. Conforme informações da equipe técnica da consultoria contratada, não houve o direcionamento estatístico para obter respondentes de todas as amostras para o universo da pesquisa em nível nacional. A pesquisa de egressos foi realizada por uma amostragem não probabilística, uma vez que não há um registro de todos os alunos que fizeram o Programa Miniempresa distribuídos por agrupamentos como ano, local de realização, origem de ensino público ou privado, perfil socioeconômico, idade, entre outros. As amostras não-probabilísticas podem oferecer boas estimativas das características da população, mas não permitem uma avaliação objetiva da precisão dos resultados amostrais (GIL, 2008, p. 94).

No caso da pesquisa de egressos do Programa Miniempresa, nota-se o uso da amostragem não probabilística bola de neve. A abordagem bola de neve foi introduzida por Coleman (1958) e Goodman (1961) e se refere a utilização de uma rede de amigos dos membros existentes na amostra. O método funciona por meio de indicação, as primeiras pessoas que fazem parte da população alvo são selecionadas de alguma forma pelo pesquisador e são incumbidas de indicar, a partir de seus contatos, outros indivíduos para a amostra. O processo de indicação dos respondentes segue até que o tamanho da amostra desejado seja alcançado ou até que a nova onda de respondentes não faça novas indicações.

A divulgação da pesquisa foi realizada pelo direcionamento do questionário desenvolvido pela empresa de consultoria para as unidades da JA, que replicaram nas redes sociais e fizeram contato com ex-alunos ainda vinculados à organização. Além disso, foram enviados e-mails aos egressos a partir dos cadastros realizados no período de aplicação do programa. Segundo Dewes (2013) o método é efetivo para penetrar populações escondidas ou de difícil acesso, no entanto, pela natureza de seleção dos primeiros membros da amostra os pesquisadores não devem se valer do método para fazer generalizações da população. Além disso, a escolha dos membros iniciais da amostra pode conter vieses a favor da inclusão de pessoas com mais engajamento e relações interpessoais. Como não há maneira de determinar a probabilidade de escolha de qualquer elemento em particular para inclusão na amostra, as estimativas obtidas não são estatisticamente projetáveis para a população.

3.2. Apresentação do questionário

O questionário aplicado aos egressos do Programa Miniempresa esteve aberto para respostas no período de três meses, entre os dias 15 de abril e 17 de junho de 2019. A divulgação foi realizada nas redes sociais, *e-mail* marketing das unidades da Junior Achievement estaduais e indicações de ex-alunos, a partir do procedimento de bola de neve. Composto por 72 perguntas, o tempo médio para preenchimento do questionário é de 20 minutos. Segundo a equipe responsável pelo questionário, este foi desenvolvido com base na experiência profissional, solicitações da Junior Achievement e por meio de estudo metodológico que não foi disponibilizado para a pesquisadora. Com relação a meta de respondentes, a equipe informou que o objetivo era atingir o máximo de ex-alunos possível no período estipulado para preenchimento do questionário.

Composto por blocos de perguntas, o questionário busca avaliar se as respostas estão de acordo com os objetivos do Miniempresa e assim mensurar o impacto do programa. Desse modo, os blocos estão divididos entre caracterização dos respondentes, desenvolvimento de competências, percepções de impacto, influências do programa sobre a vida profissional, caracterização demográfica, vida acadêmica, status de empregabilidade, renda atual, entre outros.

Para a construção do questionário, percebe-se que a equipe responsável utilizou das escalas nominal, de razão e intervalar de quatro pontos tipo *Likert*. A escala nominal é atribuída a itens que não são quantitativos nem orientados a um número, como pode ser identificado nas perguntas: “Está trabalhando no momento? (Sim ou Não)”; “Você tem ou já teve uma empresa, algum negócio ou projeto/atividade, mesmo que informal? (Sim ou Não)”; “Em que tipo de escola cursou a maior parte do ensino médio? (Pública ou Privada)”. Já a escala de razão é utilizada para comparar medidas absolutas ou a comparação de proporções, identificada nas perguntas como: “Qual sua idade?”; “Renda mensal” e “Qual ano você participou do Miniempresa?”. Por fim, a escala intervalar do tipo *Likert* teve por objetivo identificar o grau de concordância com as afirmações relacionadas ao desenvolvimento de competências e influência do Miniempresa na vida profissional. Alguns exemplos: “O Miniempresa foi o primeiro contato que tive com o mundo dos negócios.” e “Sentiu-se motivado(a) a estudar mais”. As questões foram apresentadas a partir de quatro graus de concordância, são eles: discordo totalmente, discordo, concordo, concordo totalmente. O questionário completo encontra-se no Anexo A deste trabalho.

Para a presente pesquisa, foram consideradas prioritariamente as questões ligadas às motivações e comportamentos, como trabalho em equipe, liderança, persistência, ousadia, assumir riscos, confiança, capacidade de planejamento, autonomia, criatividade, iniciativa, capacidade de tomada de decisão e resolução de problemas. Considerou-se também os pontos relacionados às motivações comportamentais devido ao objetivo específico de mapear as características comportamentais empreendedoras propostas por McClelland (1961), mais evidentes em egressos participantes do Programa Miniempresa.

3.3. Caracterização da amostra

A pesquisa de egressos contou com 1280 respondentes que participaram do Programa Miniempresa no período de 1995 a 2016, representando um intervalo de 22 anos. Com relação a abrangência, foram contabilizados participantes de 25 estados brasileiros mais o Distrito Federal, sem respondentes do estado da Paraíba.

Dos 1280 participantes, 736 finalizaram o preenchimento, 300 responderam a metade do questionário e outras 244 pessoas desistiram logo no início. A Tabela 3 mostra o Estado de origem dos participantes da pesquisa entre os anos de 1995 a 2016. Nota-se que o Rio Grande do Sul teve o maior número de respondentes, o que pode ser justificado pelo fato de a sede estar localizada em Porto Alegre. Conhecida por JA Brasil, a unidade foi a primeira a ofertar o Programa Miniempresa no País. Em seguida, outros estados se apresentam com uma participação bastante significativa, como o Rio de Janeiro com 116 respostas, Paraná com 98, Minas Gerais e Pernambuco com 95 cada.

Segundo dados de 2019 fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os seis Estados com maior população são: São Paulo com 45.9 milhões de habitantes, Minas Gerais com 21.2 milhões, Rio de Janeiro com 17.3 milhões, Bahia com 14.9 milhões e Rio Grande do Sul e Paraná com 11.4 milhões cada. Identifica-se que dos seis estados mais populosos do Brasil, quatro deles tiveram uma participação acentuada na pesquisa. Curiosamente, o Estado de São Paulo não teve uma atuação expressiva. Ainda assim, a região sudeste é a mais representativa, com 324 participantes, seguida de 308 da região sul e de 225 da região nordeste.

Tabela 3 - Caracterização da amostra por Estado (1995 - 2016)

Estado	Respondentes	Estado	Respondentes
AM	26	SP	25
AP	42	PA	21
DF	34	BA	16
ES	88	RN	14
AL	40	CE	10
GO	34	AC	9
MG	95	MA	5
PE	95	MT	5
PI	40	SE	5
PR	98	MS	4
RJ	116	TO	2
RS	169	RO	1
SC	41	RR	1
Total			1036

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

Ainda considerando o período de 1995 a 2016, 736 pessoas responderam à pergunta referente ao ano de participação do Programa Miniempresa. Conforme o Gráfico 1, 60,2% dos respondentes pertencem ao público feminino e 39,6% masculino. A amostra se assemelha a

população brasileira, visto pesquisas realizadas pelo IBGE¹⁹ em 2018 apontam que o número de mulheres é superior ao número de homens, 51,7% e 48,3% respectivamente.

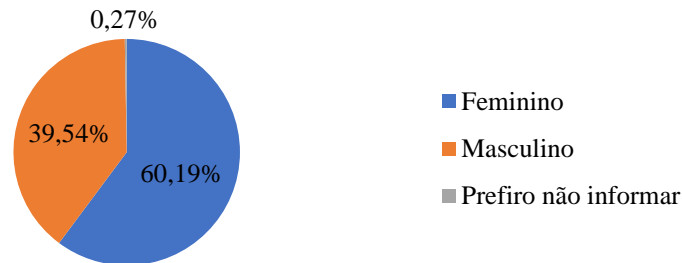


Gráfico 1 - Caracterização da amostra por gênero (1995 – 2016)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

O Gráfico 2 mostra o número de respondentes da pesquisa de egressos por ano de participação no Programa Miniempresa. Nota-se um crescimento desse número com o passar dos anos. O fato de terem mais respondentes que cursaram o Miniempresa mais recentemente, sugere que eles tiveram acesso facilitado a pesquisa e possivelmente maior interesse em respondê-la. Isso pode ocorrer dado que existem maiores chances do *mailing* da JA estar atualizado para essas pessoas. Além disso, muitos participantes se tornam voluntários e contribuem com as atividades da instituição nos anos seguintes ao Miniempresa. Curiosamente, em 2015 o número foi bastante expressivo e não foram encontradas informações que pudessem justificar esse fato.

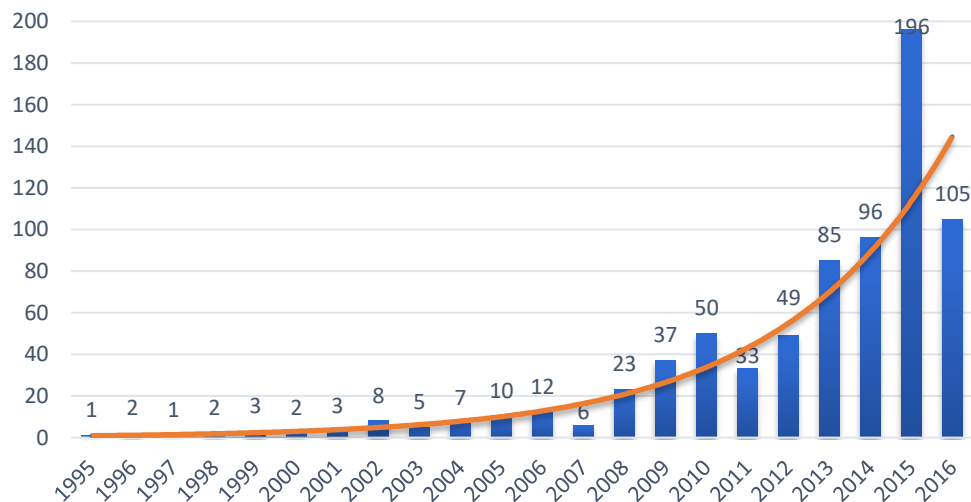


Gráfico 2 - Caracterização da amostra por ano (1995 – 2016)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

¹⁹ Mais informações disponíveis em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101654>>. Acesso em: 20 maio, 2020.

Para este trabalho foi definido um recorte temporal de 5 anos em face da maior concentração de respondentes no período de 2012 a 2016. Dessa forma, os gráficos e as análises a seguir compreendem um universo de 531 pessoas e todas elas preencheram o questionário por completo.

No Gráfico 3, é possível identificar a representatividade de respondentes por Estado. Verifica-se que mesmo após o recorte temporal, a amostra de 531 pessoas ainda compreende os 25 Estados mais o Distrito Federal, possibilitando uma análise de abrangência nacional. Além disso, apesar de a amostra ser reduzida, o Rio Grande do Sul se manteve como o Estado com maior contribuição de participantes para a pesquisa, seguido do Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná e Minas Gerais. Por fim, a região sudeste permaneceu sendo a mais representada, com 170 participantes, seguida da região sul com 141 e nordeste com 129 participantes.

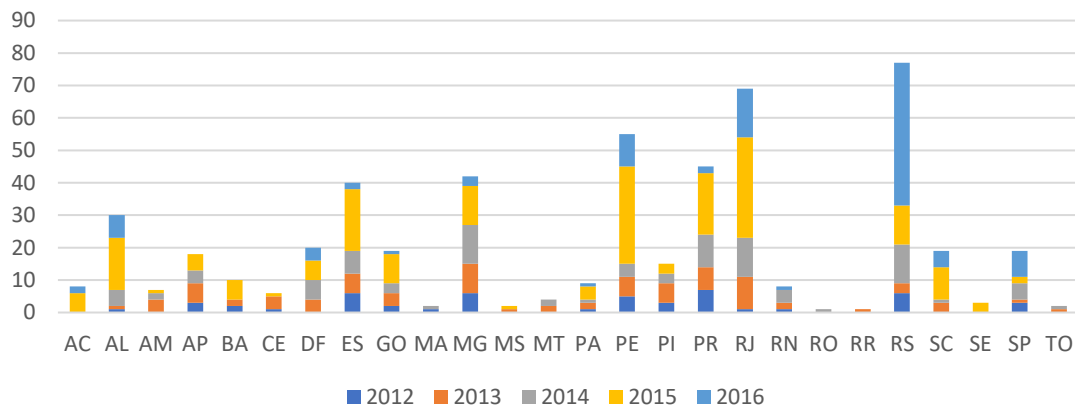


Gráfico 3 - Caracterização da amostra por Estado (2012 - 2016)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

Por meio de um esforço de articulação da autora, a JA Brasil forneceu um panorama geral de formandos do Miniempresa no período de 2012 a 2016. Os dados da Tabela 4 são de fontes primárias e não foram encontrados em relatórios ou documentos públicos da instituição.

Tabela 4 - Número de alunos no Programa Miniempresa (2012 – 2016)

Ano de realização	Número de alunos formandos
2012	15.998
2013	14.685
2014	13.558
2015	13.660
2016	9.525
Total	67.426

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados fornecidos pelos atuais colaboradores da JA (2020)

Pelos dados da Tabela 4 é possível identificar a relevância do Programa Miniempresa, que foi aplicado para mais de 67 mil alunos do ensino médio no período de 2012 a 2016. Já a amostra analisada de 531 pessoas, quando comparada ao número de formandos no mesmo período, representa quase 1% do total.

O Quadro 7 sintetiza o projeto de pesquisa bem como apresenta os autores e metodologia utilizada para a pesquisa.

Quadro 7- Síntese metodológica

Questão da pesquisa	Objetivo Geral	Objetivos específicos	Método de coleta e tratamento	Resultados esperados
<p>1- Como são trabalhadas as temáticas do empreendedorismo no ensino médio?</p> <p>2- Quais são os possíveis impactos da educação empreendedora utilizando como referência respondentes do questionário aplicado à egressos do Programa Miniempresa?</p>	<p>Analisar a percepção de impacto da educação empreendedora de estudantes egressos do ensino médio e utilizar as análises como subsídio técnico para políticas públicas correlatas</p>	<p>Conceituar empreendedorismo no recorte delimitado pela pesquisa</p>	<p>Pesquisa bibliográfica e pesquisa documental</p>	<p>Recorte do conceito de empreendedorismo aplicado para a pesquisa</p>
		<p>Mapear as características comportamentais empreendedoras propostas por McClelland (1961) mais evidentes em egressos participantes do Programa Miniempresa no período de 2012 a 2016</p>	<p>Pesquisa bibliográfica e questionário</p>	<p>Categorias de análise do questionário com a pesquisa de McClelland (1961)</p>
		<p>Mapear iniciativas de educação para o empreendedorismo e suas abordagens metodológicas</p>	<p>Pesquisa bibliográfica e pesquisa documental</p>	<p>Descrição dos programas e metodologias: Programa Miniempresa, Pedagogia Empreendedora, Programa Fazendo Acontecer e o BMoE Bootcamp</p>
		<p>Analisar a percepção de impacto dos egressos participantes do Programa Miniempresa a partir do questionário aplicado no período de 2012 a 2016</p>	<p>Questionário</p>	<p>Análise dos dados do questionário</p>
		<p>Mapear políticas públicas e discutir sobre a efetividade e perenidade das iniciativas</p>	<p>Pesquisa bibliográfica e pesquisa documental</p>	<p>Discussão e contribuições para aplicações em futuras políticas públicas</p>

Fonte: Elaborado pela autora

4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A partir da definição de empreendedorismo e do levantamento de instituições e metodologias voltadas para a educação empreendedora, este capítulo destina-se à apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. Desse modo, a primeira seção corresponde a análise dos dados gerados a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa aplicada pela Junior Achievement em 2019. Em seguida, será apresentado o levantamento de políticas públicas estaduais e, por fim, serão discutidas as possíveis implicações das mesmas.

4.1. Análise dos resultados do questionário sobre o Programa Miniempresa

Em continuidade aos objetivos específicos desta pesquisa, este tópico pretende analisar os resultados da Pesquisa dos Egressos do Programa Miniempresa no período de 2012 a 2016. Nesse sentido, busca-se analisar a percepção de impacto do programa e mapear as Características Comportamentais Empreendedoras propostas por McClelland (1961) mais evidentes nos respondentes. A análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário pretende agregar valor à discussão teórica apresentada na pesquisa. Nesse sentido, por meio da avaliação do Programa Miniempresa, realizada pelos egressos participantes da pesquisa, é possível gerar discussões que, amparadas pelo referencial teórico, visam detectar os potenciais impactos da educação empreendedora.

A análise das respostas do questionário corresponde ao período de participação no Programa Miniempresa entre os anos de 2012 a 2016, totalizando 531 respondentes. Dado que o período de aplicação do questionário foi entre os dias 15 de abril a 17 de junho de 2019, a idade média dos participantes considerada para a pesquisa era de 21 anos de idade.

Com relação ao perfil dos egressos, ao serem questionados o tipo de escola que cursaram a maior parte do ensino médio, 60% declararam ter cursado em escola pública como pode ser observado no Gráfico 4. Observa-se que esse percentual condiz com o cenário de atuação da JA, uma vez que a organização oferece seus programas tanto para escolas públicas como para escolas

particulares. No entanto, o número de escolas particulares atendidas normalmente é menor, visto que as empresas mantenedoras e patrocinadores geralmente solicitam que os programas sejam direcionados para as instituições públicas de ensino. Já a aplicação dos programas nas escolas particulares é mais frequente quando ocorre a contratação da Junior Achievement pela própria instituição de ensino interessada.

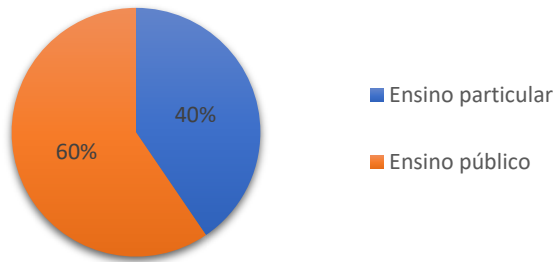


Gráfico 4 - Perfil de respondentes conforme a natureza da escola – percentual (2012-2016)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

O Gráfico 5 mostra o nível de escolaridade dos egressos do Programa Miniempresa na data de preenchimento do questionário. Nota-se que a amostra correspondente possui 62% de pessoas com ensino médio completo, contrapondo-se com 34% que finalizaram o ensino superior e os outros 4% distribuídos entre especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

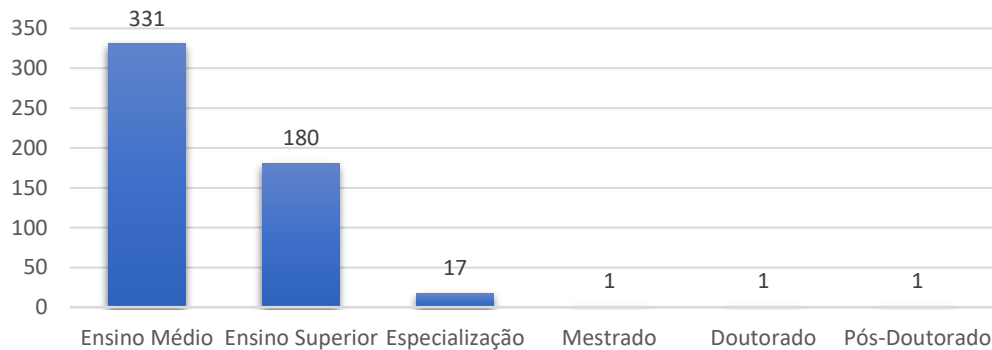


Gráfico 5 – Nível de escolaridade atual dos participantes da pesquisa – número de respondentes (2019)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

Segundo a Pesquisa de Cursos de Especialização Lato Sensu no Brasil, elaborada pelo Instituto Semesp (Sindicato das Entidades Mantenedoras de Ensino Superior) em 2019, considerando apenas a população com 24 anos ou mais, estima-se que 44 milhões de pessoas

concluíram o ensino médio, 19 milhões a graduação, 5,7 milhões um curso de especialização de nível superior, 918 mil o mestrado e 384 mil o doutorado. A partir desses dados, verifica-se que o número de pessoas com 24 anos ou mais que concluíram o ensino superior equivale a menos da metade das pessoas que finalizaram o ensino médio. Já o número de pessoas que finalizaram um curso de especialização é três vezes menor em comparação aos que concluíram a graduação, enquanto a quantidade de mestres e doutores é ainda menor.

Comparando os dados acima com o Gráfico 5, percebe-se que os egressos do Miniempresa possuem níveis de escolaridade maiores que os apresentados pelo Instituto Semesp (2019). Mesmo com a idade média de apenas 21 anos, os egressos com ensino superior correspondem a 54% das pessoas com ensino médio. Já o índice de transição para os níveis de especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado é menor que o apresentado pelo Instituto Semesp (2019) devido ao fator limitante da idade. Os níveis superiores de escolaridade dos egressos do Miniempresa podem ser um indicativo que participar do programa contribui para a formação escolar.

Além disso, sugere-se que a participação no Programa Miniempresa colabore para o processo de transformação social. Ao considerar os três respondentes com mestrado, doutorado e pós-doutorado, todos eles declararam possuir a formação básica no ensino público estadual, com origem nos Estados do Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Roraima. Ademais, um deles participou do programa em uma escola indígena, destacando a abrangência e aplicabilidade do Miniempresa.

Em seguida, o Gráfico 6 retrata o nível de escolaridade almejado pelos respondentes. Observa-se que 84% dos participantes almejam atingir um dos graus de escolaridade posterior ao ensino superior, como especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

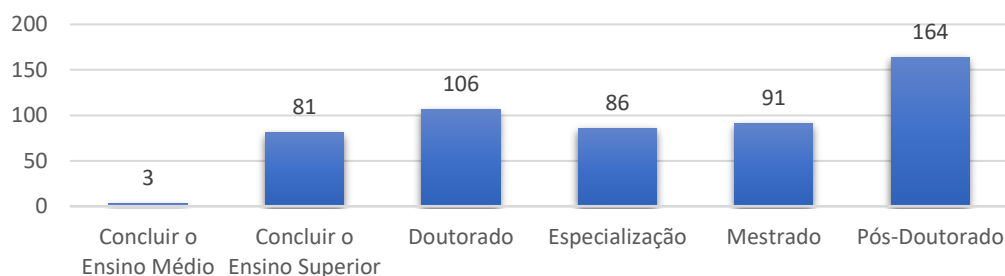


Gráfico 6 - Nível de escolaridade almejado pelos participantes da pesquisa – número de respondentes (2019)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

Por fim, no Gráfico 7 é apresentado um comparativo entre o grau de escolaridade atual e o almejado pelos participantes da pesquisa. Evidencia-se a alta expectativa de continuidade dos estudos por parte dos respondentes. Esse fato também será observado posteriormente na tabela 5, quando 89% afirmaram que se sentiram motivados a estudar mais, sugerindo mais uma possível influência do Programa Miniempresa.

Ainda que na data de preenchimento do questionário 62% dos participantes possuíam somente ensino médio, quando questionados sobre o grau de escolaridade almejado, a grande maioria pretendia atingir níveis de formação acima da especialização. Enquanto 15% dos egressos desejavam o ensino superior, outros 31% pretendiam atingir o pós-doutorado. Assim, os dados acima sugerem que participar do Miniempresa contribui para vislumbrar diferentes carreiras e aumentar o desejo do jovem pela qualificação formal.

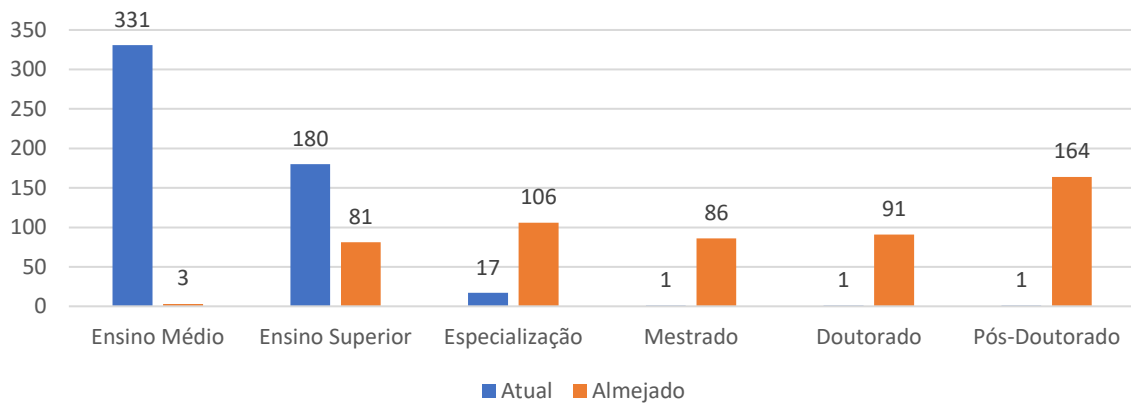


Gráfico 7- Comparativo entre nível de escolaridade atual e almejado pelos participantes da pesquisa – número de respondentes (2019)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

A próxima questão apresentada é referente a idade do primeiro emprego ou estágio. Conforme observado no gráfico 8, a maioria dos participantes iniciou no mercado de trabalho entre os 16 e 19 anos de idade. É importante destacar que o artigo 7º da Constituição Federal, em seu inciso XXXIII, diz que é proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos (BRASIL, 1988).

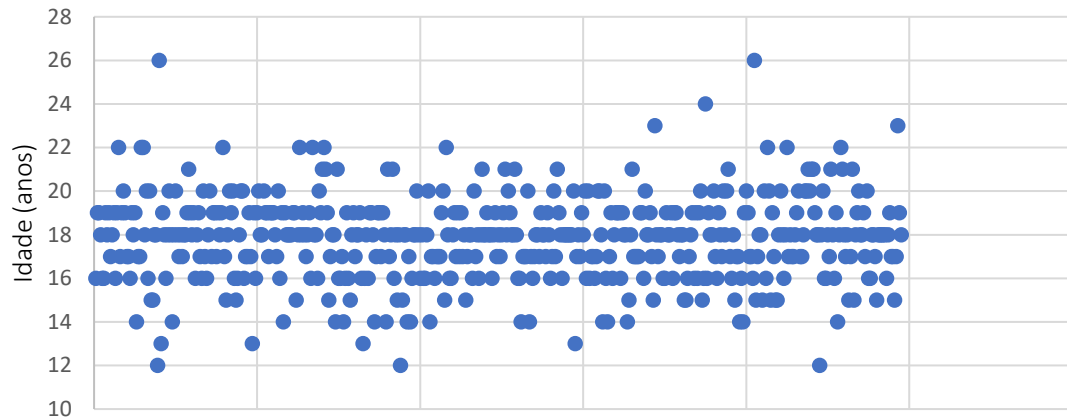


Gráfico 8 - Idade do primeiro emprego ou estágio dos participantes da pesquisa – idade (2019)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

Pelos dados acima é possível inferir que a maioria dos respondentes iniciou no mercado de trabalho em idade coerente com a legislação brasileira. Sabe-se que 40% começaram a trabalhar entre os 14 e 17 anos, o que sugere a possibilidade de uma parcela significativa ter iniciado na condição de aprendiz enquanto cursava o ensino médio. Já o percentual de pessoas que começaram entre os 18 a 21 anos é maior, representando 56% da amostra. Esse fato pode ser justificado pela maioridade civil que possibilita acesso ao mercado de trabalho, também é devido aos que iniciaram a partir do estágio enquanto cursavam o ensino superior.

Os egressos participantes da pesquisa também foram questionados se estavam empregados no período de preenchimento do questionário. Dado os 531 participantes da pesquisa, 61% declararam exercer atividade remunerada, dos quais: 14 pessoas em cargos públicos, 59 profissionais autônomos formais e informais, 138 estagiários e 114 com carteira de trabalho assinada, totalizando 325 pessoas. Já os outros 39% são compostos por pessoas que não exercem atividade remunerada, estudantes que se dedicam somente aos estudos e desempregados.

Conforme dados divulgados pelo IBGE, o índice de desemprego no Brasil era de 11,9% em 2019. Segundo o instituto, cerca de 39,2% dos brasileiros entre 14 e 17 anos e 23,8% entre 18 e 24 anos estavam desocupados enquanto o percentual entre as pessoas de 25 a 39 anos era de 10,3% e de 40 a 59 anos de somente 6,6% (IBGE, 2019).

Esses dados revelam uma elevada taxa de desocupação entre os jovens de até 24 anos de idade no Brasil. Se comparado com a pesquisa de egressos, 39% dos respondentes indicaram

estarem desempregados, englobando estudantes e possíveis donas de casa, fatores que não são considerados para a base de cálculo de desocupação pela metodologia do IBGE. Dentre as possíveis razões para a elevada taxa de desocupação entre os jovens, destacam-se a preferência das empresas por profissionais mais experientes, a inadequação entre a formação acadêmica e as exigências do mercado, a concentração de oportunidades em determinadas áreas do Brasil e a parcela de jovens em estado de vulnerabilidade social, que não possuem escolaridade mínima exigida pelo mercado.

O próximo bloco de perguntas do questionário foi direcionado para avaliar se os objetivos do Programa Miniempresa - motivar o aluno a pensar nas possibilidades de carreira, a estudar mais, traçar objetivos e desenvolver competências como trabalho em equipe, capacidade de resolução de problemas, tomada de decisão, confiança, iniciativa, criatividade, dentre outros -, foram cumpridos.

A Tabela 5 apresenta o grau de concordância dos egressos com relação aos objetivos do programa. Evidencia-se que a grande maioria dos entrevistados concordam que a partir do Miniempresa se sentiram motivados a estudar mais, iniciar uma carreira profissional e estabelecer objetivos de vida. Sobre estudar mais, 89% dos entrevistados concordaram que participar do projeto serviu como incentivo para os estudos. Ponto também observado quando analisado o grau de escolaridade atual e o almejado pelos egressos. Com relação à motivação de abrir um negócio, o percentual foi um pouco menor, mas ainda bastante expressivo, representando 76% dos entrevistados. Quando comparado com o percentual de egressos que já tiveram um negócio, mesmo que informal, este contempla 13% dos participantes da pesquisa.

Tabela 5 - Sentimento de motivação com relação ao Programa Miniempresa

Questões avaliadas	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total de respostas	Grau de concordância
Sentiu-se motivado(a) a estudar mais	7	54	276	194	531	89%
Sentiu-se mais motivado(a) a iniciar sua carreira profissional	6	24	206	295	531	94%
Sentiu-se mais motivado(a) a abrir um negócio	18	108	205	200	531	76%
Sentiu-se mais motivado(a) para estabelecer novos objetivos para sua vida	3	21	216	291	531	95%

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

De acordo com Boyles (2012), a medição por abertura ou intenção de abrir empresas não é uma forma adequada para avaliar o resultado do ensino de empreendedorismo. O autor aponta que, em suas pesquisas, a maioria dos empreendedores iniciaram seus negócios a partir dos 35 anos de idade, uma vez que eles relataram a necessidade de adquirir experiência profissional antes de iniciar um empreendimento. Para Boyles (2012) utilizar a métrica de abertura de negócio próprio para graduandos ou recém graduandos pode gerar resultados distorcidos, dado que eles estariam em uma fase de adquirir experiências profissionais.

O *Global Entrepreneurship Monitor* em 2018 apresentou dados que estão em conformidade com os estudos apresentados por Boyles (2012). De acordo com o GEM 2018, cerca de 52 milhões de brasileiros entre 18 e 64 anos estavam liderando alguma atividade empreendedora. No que se refere a idade, 47,1% das pessoas possuíam entre 45 e 54 anos, seguidos de 41,1% entre 35 a 44 anos e 34,6% entre 55 a 64 anos, indicando uma maior concentração de negócios em brasileiros a partir dos 35 anos de idade. Já as pessoas entre 18 e 24 anos correspondiam a somente 26,9%, dos quais 21,2% possuem negócios iniciais e 5,7% negócios estabelecidos.

Dessa forma, o índice de abertura de negócios não deve ser considerado um fator decisivo ao avaliar o impacto de programas de educação empreendedora, visto que o interesse de abrir um negócio não é o objetivo fim do ensino de empreendedorismo. **A exemplo do Programa Miniempresa e do levantamento bibliográfico, a proposta de educação empreendedora consiste em despertar o interesse do estudante para detectar oportunidades, tomar decisões conscientes, desenvolver competências e motivar o estudante a vislumbrar as possibilidades de carreira, que podem ou não incluir a abertura de novos empreendimentos.**

As próximas questões referem-se ao grau de concordância dos respondentes sobre o desenvolvimento de competências comportamentais. Conforme verificado na Tabela 6, com exceção da “ousadia”, todas as outras competências tiveram mais de 90% de concordância entre os participantes da pesquisa de egressos.

Em especial, verifica-se a relevância para os respondentes dos itens “trabalhar em equipe”, “iniciativa” e “persistência”, representando um grau de concordância de 98%, 97% e 95% respectivamente. Sugere-se que o alto índice de concordância seja devido à metodologia do Programa Miniempresa, visto que o projeto corresponde à criação e operacionalização de uma empresa composta por trinta pessoas que se encontram semanalmente por um período de três meses.

Tabela 6 - Percepções acerca do desenvolvimento de competências

Competências	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total de respostas	% de concordância
Trabalhar em equipe	3	9	178	341	531	98%
Capacidade de resolução de problemas	4	32	243	252	531	93%
Capacidade de tomada de decisão	3	40	202	286	531	92%
Confiança	5	33	244	249	531	93%
Iniciativa	3	14	236	278	531	97%
Criatividade	4	34	222	271	531	93%
Autonomia	9	46	236	240	531	90%
Capacidade de planejamento	2	29	217	283	531	94%
Liderança	7	46	202	276	531	90%
Assumir riscos	5	50	222	254	531	90%
Persistência	4	22	194	311	531	95%
Ousadia	8	73	216	234	531	85%

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

Para a pesquisa de egressos do Programa Miniempresa, a equipe executora considerou doze competências para análise, conforme abordado na Tabela 6. Ainda que não se saiba se a equipe utilizou McClelland (1961) como referência na construção do questionário, percebe-se um alinhamento entre as doze competências avaliadas no questionário com as dez Competências Comportamentais Empreendedoras, abordadas pelo autor.

No Quadro 8 é realizado um comparativo entre as competências abordadas no questionário e as Características Comportamentais Empreendedors (CCEs). Destaca-se que a autora considerou o item “independência e autoconfiança” proposto por McClelland (1961) como a integração entre as competências “confiança” e “autonomia” avaliados de forma individual na pesquisa de egressos. Optou-se por essa relação, uma vez que essa CCE se refere à busca por autonomia do indivíduo ao mesmo tempo que ele se expressa confiante na própria capacidade de completar uma tarefa ou enfrentar um desafio.

Quadro 8 - CCEs de Mc Clelland abordadas no questionário

Competências abordadas no questionário de egressos do Programa miniempresa	Características Comportamentais Empreendedoras propostas por McClelland (1961)
Iniciativa	Busca de oportunidade e iniciativa
Assumir riscos	Correr riscos calculados
Persistência	Persistência
Capacidade de planejamento	Planejamento e monitoramento sistemáticos
Confiança	Independência e autoconfiança
Autonomia	

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

As demais competências avaliadas no questionário e que não foram consideradas por McClelland (1961) são: trabalhar em equipe, capacidade de resolução de problemas, capacidade de tomada de decisão, criatividade, liderança e ousadia. No entanto, nota-se que tais competências foram abordadas por Dolabela (2003, 2008), ao ressaltar a criatividade, liderança, protagonismo, rebeldia a padrões impostos e capacidade de diferenciar-se como características comportamentais do empreendedor. Filion (1999) também aborda a criatividade, capacidade de tomada de decisão e de assumir riscos calculados como comportamentos utilizados pelo empreendedor para criar oportunidades de negócios e desempenhar seu papel empreendedor.

Ademais, Dolabela e Filion (2013) acrescentam a importância de um ambiente de aprendizagem que deve estimular e desenvolver a confiança e a autoestima do indivíduo. Em consonância, Rocha e Freitas (2014) reforçam que, no contexto de formação empreendedora, o ensino deve conduzir o estudante a ser criativo, assumir riscos, persistir, trabalhar em equipe e tomar decisões (ROCHA; FREITAS, 2014, p. 468).

Após ser analisado o grau de concordância dos egressos participantes do Programa Miniempresa, referente ao desenvolvimento de competências empreendedoras, o questionário propôs uma série de questões relacionadas com a percepção de impacto do projeto. Nesse sentido, a Tabela 7 é um compilado dessas questões referentes à percepção de impacto dos participantes da pesquisa, no período de 2012 a 2016, sobre a sua participação no Programa Miniempresa. Ressalta-se que as 531 pessoas responderam todas as questões a seguir.

Tabela 7 - Percepções de impacto do Programa Miniempresa

(Continua)

Percepções	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	% de concordância
Participar do Miniempresa influenciou minhas escolhas acadêmicas	53	202	136	140	52%
Participar do Miniempresa influenciou minhas escolhas profissionais	46	153	179	153	63%
Minha participação no Miniempresa teve impacto sobre minha renda atual	118	246	107	60	31%
Tenho maior empregabilidade graças à minha participação no Miniempresa	80	210	172	69	45%

Tabela 7 - Percepções de impacto do Programa Miniempresa

(Conclusão)

Percepções	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	% de concordância
O Miniempresa fez aumentar minha rede de contatos profissionais	90	203	146	92	45%
O Miniempresa me fez chegar ao mercado de trabalho com uma visão mais clara do mundo dos negócios	18	44	273	196	88%
O Miniempresa influenciou minha postura profissional	9	57	259	206	88%
O Miniempresa teve influência sobre minha ascensão profissional (promoções, mudanças de empresa etc.)	88	237	140	66	39%
O Programa Miniempresa me mostrou que era possível empreender (abrir uma empresa ou empreender no meu trabalho).	15	40	254	222	90%
O Miniempresa foi o primeiro contato que tive com o mundo dos negócios.	28	97	140	266	76%
Foi no programa Miniempresa que, pela primeira vez, pensei em ser um empreendedor(a).	53	152	164	162	61%

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Pesquisa de Egressos do Programa Miniempresa (2019).

A partir da análise da Tabela 7, verifica-se que os maiores índices de concordância nas afirmativas estão relacionados ao desenvolvimento de comportamentos, possibilidades de vislumbrar oportunidades e postura profissional. Desse modo, as percepções de impacto intensificam o papel do Programa Miniempresa enquanto alternativa para promover o primeiro contato do estudante com ambiente de negócios, possibilitar uma visão mais clara do mercado de trabalho, inspirá-lo a empreender novos projetos e refletir sobre as escolhas profissionais.

A percepção com maior grau de concordância (90%) entre os entrevistados é sobre o potencial do programa em mostrar que é possível empreender, seja na criação de um negócio próprio ou dentro da empresa que trabalha. Sugere-se que esse fato seja devido à forma como o programa é implementado na escola. Com o auxílio dos voluntários, nas primeiras jornadas a turma recebe o desafio de iniciar uma empresa do zero. Os próprios alunos são responsáveis por definir um produto, estudar o mercado, desenvolver um protótipo e capitalizar a miniempresa por meio da

venda de ações que eles também devem comprar. Para iniciar a empresa, os estudantes são instigados a identificar uma necessidade de um público específico, desenvolver um produto e vendê-lo mediante as incertezas e os riscos inerentes do negócio. Durante esse processo eles se deparam com desafios e necessidade de tomada de decisão, como direcionamento de recursos, espaço de produção ou até mesmo a demissão de algum colaborador que não esteja contribuindo positivamente para com a miniempresa.

Sobre 88% dos entrevistados concordarem que o Programa Miniempresa trouxe uma visão mais clara do mercado de trabalho e influenciou a postura profissional, isso pode ser justificado pela vivência do aluno durante a operacionalização da própria empresa. Como exemplo, durante o programa os alunos que se destacam assumem posições de liderança, seja como presidente ou como gerente de Marketing, Recursos Humanos, Finanças ou Produção. Esses cargos exigem mais comprometimento, visto que esses alunos devem preencher relatórios, fazer prestação de contas e possuem maior responsabilidade para com os resultados da empresa, conseqüentemente são os mais bem remunerados. Ao vivenciarem essa situação, os alunos passam por um momento de autorreflexão sobre qual o papel eles gostariam de assumir profissionalmente. Eles também são instigados a ter postura profissional, seja na função de um cargo de liderança, na produção ou nos momentos de tomadas de decisão. Até mesmo nas vendas, os alunos que se destacam recebem comissões e são reconhecidos frente toda a miniempresa. Assim, os alunos são instigados a desenvolver uma postura profissional, que engloba a capacidade de apresentar resultados consistentes e argumentar sobre diferentes pontos de vista.

O questionário também abordou temas relacionados à empregabilidade, rede de contatos, renda e ascensão profissional que serão discutidos a seguir. Referente ao aumento da rede de contatos profissionais, o percentual de concordância dos respondentes foi de 45%. Sugere-se que esse percentual seja devido a presença dos voluntários, visto que são pessoas que estão no mercado de trabalho e que se disponibilizam a participar com a turma no desenvolvimento da miniempresa. No entanto, esse índice ser menor que 50% pode ser justificado pela realização do programa na própria escola, uma vez que, apesar do Miniempresa intensificar o contato entre os estudantes, estes podem já ter algum tipo de vínculo antes mesmo do projeto.

Com relação à empregabilidade, o percentual de concordância foi de 45%, seguidos de 39% que consentem sobre a influência na ascensão profissional e de 31% que concordam que a participação no Programa Miniempresa teve impacto sobre a renda atual. Dessa forma, os dados

sugerem que a educação empreendedora não é suficiente para garantir empregabilidade e aumento de renda. Nesse sentido, nota-se que o fator empregabilidade é bastante citado para justificar a implementação de programas e políticas públicas. Ainda que seja um percentual relevante, percebe-se que as maiores percepções de impacto estão relacionadas ao desenvolvimento de competências pessoais e ao empoderamento do jovem, que se sente motivado a estudar mais e passa a vislumbrar novas oportunidades e possibilidades de carreira.

Portanto, o desenvolvimento de competências, na pesquisa com os egressos do programa Miniempresa, é evidenciado como fator mais relevante enquanto percepção de impacto. Tais afirmações estão em conformidade com as proposições de Lackéus (2015), no qual afirma que o desenvolvimento de competências é um dos principais objetivos da educação empreendedora. Segundo o autor, essas competências podem ser definidas como “conhecimentos, habilidades e atitudes que afetam a disponibilidade e a capacidade para executar o trabalho empreendedor para a criação de valor²⁰” (LACKÉUS, 2015, p. 12). Em síntese, sugere-se que a formação empreendedora é importante para o desenvolvimento de competências e da capacidade para vislumbrar oportunidades e gerar valor social. Dessa forma, dado que existem diversos fatores sociais, políticos e econômicos, a educação empreendedora não deve ser vista e disseminada como garantia de empregabilidade, aumento de renda e abertura de negócios. A próxima seção apresenta o levantamento de políticas que foram mapeadas durante a pesquisa.

4.2. Levantamento de políticas de educação empreendedora

Para Dornelas (2008), o ensino de empreendedorismo tem sido centro de políticas públicas em diversos países, uma vez que permite o desenvolvimento de comportamentos essenciais para a atual dinâmica de mercado. Nesse sentido, com base em pesquisa bibliográfica e documental listou-se algumas tentativas no Brasil para implementação de políticas públicas para o ensino de empreendedorismo a nível estadual. Assim, pretende-se conhecer as iniciativas e compreender as abordagens metodológicas utilizadas em cada programa.

²⁰ Tradução da autora para: “*Entrepreneurial competencies are defined here as knowledge, skills and attitudes that affect the willingness and ability to perform the entrepreneurial job of new value creation.*”

4.2.1. Reinventando o ensino médio

O Programa Reinventando o Ensino Médio foi uma iniciativa da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE - MG) em 2012. O programa consistiu na reestruturação curricular com disciplinas voltadas para empregabilidade e mercado de trabalho. A primeira edição como plano piloto contemplou onze escolas públicas da rede metropolitana de Belo Horizonte. Em 2013 o programa foi estendido para 122 escolas da rede pública distribuídas pelo Estado. Já em 2014 o programa se tornou obrigatório, totalizando 2.164 escolas contempladas. Por fim, em 2015 o programa Reinventando o Ensino Médio foi extinto após a troca de governo.

Segundo pesquisas realizadas por Correa *et al.* (2018) o programa apoiava-se em quatro objetivos, são eles: busca pela excelência no ensino e na aprendizagem, garantia da especificidade da formação no ensino médio, geração de competências e habilidades para o mercado de trabalho e preparação para continuidade dos estudos. Nesse sentido, o projeto consistiu na ampliação de carga horária de 2.500 para 3.000 horas distribuídas nos três anos do ensino médio e divididas entre formação geral e formação específica. Enquanto a formação geral tinha por finalidade os conteúdos básicos comuns de ensino, a formação específica buscava ampliar as possibilidades de inserção profissional. Além disso, projeto não tinha objetivo de ser o ensino médio profissionalizante, uma vez que não possuía profissionais habilitados nas áreas específicas.

A Resolução n° 2486, de 20 de dezembro de 2013, da SEE-MG orienta a implantação do Reinventando o Ensino Médio, sob o conceito de empregabilidade, ou seja, no fomento ao desenvolvimento de habilidades e competências a fim de preparar e manter os jovens no mercado de trabalho (CORREA *et.al*,2018, p.8). Segundo a referida Resolução, o programa possui cinco áreas de empregabilidade, são elas: Comunicação Aplicada; Empreendedorismo e Gestão; Meio Ambiente e Recursos Naturais; Tecnologia da Informação e Turismo. Dentre essas, as escolas ofertariam três áreas, referenciadas pelas demandas locais e interesses dos alunos. Para isso, no início do ano letivo a escola realizaria um Seminário de Percorso Curricular de forma a apresentar as potencialidades profissionais de cada área para os alunos com a presença dos pais ou responsáveis.

Percebe-se que o programa busca a empregabilidade e inserção no mercado de trabalho de acordo com as áreas de interesse apresentadas pelos alunos. A temática empreendedorismo é vista como uma das cinco áreas de empregabilidade e somente seria trabalhado caso o aluno optasse por essa área específica. O Quadro 9 apresenta as cinco áreas de empregabilidade e a distribuição dos conteúdos práticos. Nesse contexto, identifica-se a presença de uma abordagem de empreendedorismo voltada somente para o ambiente empresarial. Ressalta-se que não foram encontradas informações referentes aos conteúdos programáticos das disciplinas.

Quadro 9 - Áreas de empregabilidade do Programa Reinventando o Ensino Médio

Área de empregabilidade	Tipo de conteúdo	Conteúdo proposto
Comunicação aplicada	Conteúdo da área	Comunicação e Sociabilidade
	Conteúdo prático	Redes Comunicativas
Empreendedorismo e Gestão	Conteúdo da área	Comunicação na Prática: Identificação de Territórios
	Conteúdo prático	Fundamentos de Gestão Planejamento estratégico Ambiente empresarial Empreendedorismo
Meio ambiente e recursos naturais	Conteúdo da área	Conhecendo a água
	Conteúdo prático	Problemática socioambiental e Saúde pública I Projetos de educação ambiental I
Tecnologia da informação	Conteúdo da área	Computação e computador
	Conteúdo prático	Solução de Problemas através da Computação I TI na Prática: Jogos e Editoração de Texto
Turismo	Conteúdo da área	Turismo: fundamentos históricos e culturais Meio ambiente e turismo: espaço, paisagem e território
	Conteúdo prático	Atratividade turística: valores culturais e paisagísticos Impactos do Turismo

Fonte: Adaptado de Resolução nº2486 /2013 da SEE – MG

4.2.2. Programa Meu primeiro negócio

O programa Meu Primeiro Negócio foi uma proposta de educação empreendedora, implementada no segundo semestre de 2017 e desenvolvida pela então Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e a Associação Junior Achievement de Minas Gerais. O programa foi realizado nos anos de 2017 e 2018, totalizando 520 escolas de mais de 200 cidades mineiras, cerca de 500 professores capacitados e 11.700 atendidos. O programa foi interrompido em 2019 após a mudança de gestão no Governo de Minas Gerais.

A primeira edição como um projeto piloto contemplou 120 escolas de 70 cidades mineiras. Participaram do piloto 120 professores, cerca de 200 voluntários e mais de 2600 alunos. O faturamento total das miniempresas foi em torno de R\$100.000,00 e cerca de R\$15.000,00 foram arrecadados em impostos e repassados para a sociedade por meio de ações sociais dos estudantes nas comunidades locais. Já em 2018, participaram 400 escolas distribuídas em 203 cidades mineiras. Foram mais de 400 professores da rede pública capacitados, 200 voluntários envolvidos e cerca de 9.100 alunos contemplados. O faturamento total das miniempresas foi em torno de R\$350.000,00 e mais de R\$50.000,00 foram de impostos convertidos em ações sociais.

O Meu Primeiro Negócio consistia na criação e operacionalização de empresas estudantis dentro das escolas durante doze semanas, utilizando a metodologia do Programa Miniempresa da JA. O projeto prevê encontros semanais com duração de 3,5 horas no contraturno escolar. Enquanto o Miniempresa conta somente com voluntários para sua aplicação, a Secretaria de Educação de Minas Gerais disponibilizou um professor coordenador para cada escola participante do projeto, de forma a assegurar a realização do programa em todas as escolas selecionadas. Além disso, a equipe da SEDECTES realizou a prospecção de profissionais voluntários das áreas de Marketing, Finanças, Recursos Humanos e Produção para o programa. Todos os voluntários e professores foram treinados e acompanhados pela equipe executora. As escolas participantes foram selecionadas a partir de um edital e posterior carta de interesse. Somente as escolas públicas estaduais vinculadas à Secretaria de Educação eram elegíveis para o programa. Desse modo, a seleção foi realizada com base na comprovação de professor disponível para aplicação do projeto, quantidade de alunos no ensino médio e disponibilidade de infraestrutura.

O reconhecimento do Programa Meu Primeiro Negócio é justificado pela alta capilaridade do projeto, com aplicação em 24% das cidades do Estado de Minas Gerais em 2018. Enquanto na versão piloto em 2017 foram 300 escolas inscritas para 120 vagas, em 2018 foram mais de 800 escolas inscritas para as 400 vagas. Considerando o cadastro escolar disponibilizado no site da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais²¹ em agosto de 2018, 2.348 escolas estaduais de ensino médio estavam ativas. Isso representa o interesse de mais de 34% das escolas estaduais de Minas Gerais em participar do Programa Meu Primeiro Negócio. Além disso, o projeto foi destacado em diversas mídias, realizou-se o levantamento de 61 reportagens listadas no Quadro 11

²¹ Mais informações disponíveis em <<http://www2.educacao.mg.gov.br/>>. Acesso em nov. 2018.

no apêndice A. Por fim, destaca-se o engajamento das comunidades, *feedback* positivo das escolas participantes e depoimentos de alunos, professores e voluntários envolvidos no programa.

4.2.3. Inova Maranhão: Inova, galera!

O programa Inova Maranhão²² é uma iniciativa da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Maranhão e consiste no estímulo a inovação, com foco no desenvolvimento econômico do Estado. O programa foi implementado em 2016 e trabalha com seis eixos: *startups*, educação, ecossistema, universidades, empresas e administração pública. Nesse sentido, como ação do eixo de educação, desenvolveu-se em 2019 o plano piloto do Inova, Galera! em parceria com a Secretaria de Educação e o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA)²³.

O Programa Inova, galera! tem por objetivo a capacitação de professores da rede pública estadual para as práticas de inovação, tecnologia e empreendedorismo. Durante dois meses os professores recebem mentorias, orientações e imersões para trabalhar metodologias de ensino de empreendedorismo com os estudantes. Dessa forma, espera-se que os professores repassem os conteúdos em sala de aula, a fim de difundir a educação para o empreendedorismo no Estado do Maranhão.

As capacitações dos professores são compostas por *workshops* e palestras, intercaladas com atividades práticas. Desse modo, são trabalhados conceitos de inovação, empreendedorismo, *startups* e negócios, além de métodos de validação de ideias, problematização de soluções e tecnologias. Além disso, os professores são mobilizados a levar para as escolas projetos que incentivem os alunos a pensar soluções para os problemas sociais por meio do empreendedorismo e da inovação.

4.2.4. Plano Estadual de Educação Empreendedora e Programa Inova Educação

²² Mais informações disponíveis em <<https://inova.ma.gov.br/>>. Acesso em 12 abr. 2020.

²³ Mais informações disponíveis em <<http://www.iema.ma.gov.br/>>. Acesso em 10 abr. 2020.

O Plano Estadual de Educação Empreendedora (PEEE) é um documento concebido a partir da Lei nº15.693, de 03 de março de 2015, que tem como meta principal a inserção do empreendedorismo nas escolas do Estado de São Paulo. O PEEE foi criado por uma comissão composta por representantes da Secretaria do Estado da Educação de São Paulo, do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e entidades voltadas para o fomento à educação empreendedora. Dessa forma, foram concebidas as diretrizes para o ensino de empreendedorismo na educação básica em consonância com o currículo do Estado de São Paulo e com os princípios norteadores da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. De acordo com o documento, o objetivo geral do plano é:

formar estudantes com conhecimentos, habilidades e atitudes empreendedoras capazes de transformar ideias em soluções inovadoras que poderão gerar benefícios e prosperidade para si e para sociedade, de modo a decidir sobre o futuro profissional e da localidade em que está inserido (PEEE, 2018, p. 12).

Os objetivos específicos do plano são divididos em seis itens: sensibilizar o estudante sobre o empreendedorismo e carreira; desenvolver atitudes e comportamentos; identificar e explorar oportunidades de negócio; criar projetos; trabalhar em equipe e contribuir com o desenvolvimento da sociedade. O PEEE possui onze metas, nas quais destacam-se: a criação do selo de validação de projetos alinhados com as diretrizes do PEEE, a oferta de cursos de formação em educação empreendedora para professores e alunos e a realização de seminários anuais para divulgação dos projetos desenvolvidos.

Conforme as diretrizes apresentadas no plano e observado por Marcovitch (2020), ressalta-se a preocupação dos gestores na criação do PEEE para além de um instrumento de disseminação da temática empreendedorismo. Além disso, o plano se destaca pelo foco na construção de habilidades e formação empreendedora dos alunos. Portanto, espera-se que o Plano Estadual de Educação Empreendedora atue como referência para a rede de ensino e formação de professores do Estado de São Paulo.

Em 2019 foi implementado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o Programa Inova Educação²⁴ para os estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino

²⁴ Mais informações disponíveis em <<https://inova.educacao.sp.gov.br/>>. Acesso em 11 abr. 2020.

Médio do Estado. Nesse sentido, no segundo semestre de 2019 mais de 130 mil servidores do Estado e mais de 6.700 profissionais das áreas municipais de ensino foram capacitados para a nova matriz curricular de São Paulo. De acordo com informações no site do programa, atividades estão divididas entre os eixos de eletivas, projeto de vida e tecnologia e inovação.

Quadro 10 - Eixos de atuação do Programa Inova Educação

Tecnologia	Projeto de Vida	Eletivas
Aulas para aprender na prática a usar e a criar tecnologias para desenvolver os próprios projetos. Temas abordados: Mídias Digitais; Cidadania Digital; Robótica e programação.	Aulas com atividades e oficinas que apoiam o estudante no planejamento na escola e do seu futuro. Auxiliam os estudantes a desenvolverem a gestão do próprio tempo, a organização pessoal, compromisso com a comunidade e perspectivas para o futuro.	Estudantes escolhem, a cada semestre as aulas para cursar, a partir do ofertado pela escola. Exemplos: Empreendedorismo; Educação financeira; Economia criativa; Olimpíadas do conhecimento; Teatro.

Fonte: Adaptado da Secretaria de Educação de São Paulo (2019)

Desse modo, o programa propõe que as atividades educativas sejam mais alinhadas às vocações e realidades dos estudantes, objetivando promover o desenvolvimento intelectual, redução da evasão escolar, melhoria no clima e fortalecimento das interações entre os professores e alunos. Percebe-se que a abordagem do Programa Inova Educação se assemelha ao Programa Reinventando o Ensino Médio, realizado em Minas Gerais em 2012, visto as mudanças curriculares e o discurso de atendimento às demandas regionais e de fomento à autonomia dos estudantes nas escolhas de disciplinas eletivas. Ressalta-se que não foram encontradas informações referentes à continuidade do Plano Estadual de Educação Empreendedora dada a implementação do Programa Inova Educação.

4.3. Implicações para políticas públicas

Souza (2006) evidencia as contribuições de quatro autores que são considerados os fundadores das áreas de políticas públicas, são eles H. Laswell (1902 – 1978), H. Simon (1916 – 2001), C. Lindblom (1917 – 2018) e D. Easton (1917 – 2014). De acordo com a autora, não existe consenso sobre a definição de política pública, visto que existem diversas correntes e ideologias

associadas. Dito isso, política pública é um campo de conhecimento que, em resumo busca “colocar o governo em ação”, analisar iniciativas e, quando necessário, mudar o curso das ações. Dessa forma, as formulações de políticas públicas traduzem os propósitos e as linhas de pensamento do governo (SOUZA, 2006).

Ainda segundo Souza (2006), dos diversos modelos sobre políticas públicas é possível extrair alguns elementos principais. Desse modo, política pública é algo intencional, de caráter abrangente que não se limita às leis e regras sociais, envolve vários atores e níveis de decisão e permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que, de fato, faz. Além disso, a política pública envolve além das proposições, a implementação, a execução e avaliação das ações.

Das políticas abordadas no presente estudo, percebe-se que o Plano Estadual de Educação Empreendedora, concebido em 2015 para o Estado de São Paulo, utilizou de um discurso comportamental, com o objetivo de formar estudantes com conhecimentos e habilidades empreendedoras. Com o desenvolvimento dessas habilidades, a PEEE indica que o estudante poderá ser capaz de decidir sobre o próprio futuro profissional e gerar benefícios para a sociedade por meio da criação de soluções inovadoras.

Já nos Programas Meu Primeiro Negócio e Inova Maranhão que não consideram as mudanças curriculares, ou nos programas como o Reinventando o Ensino Médio e Inova Educação, nota-se o discurso de fomento a autonomia dos estudantes, fortalecimento das interações entre os professores e alunos, formação para o mercado de trabalho, desenvolvimento de competências e potencial redução da evasão escolar.

A partir das análises dos programas mapeados, percebe-se que eles constituem políticas de governo, ou seja, que dependem da permanência do governo para garantir a sua continuidade. Nesse sentido, apesar do potencial das iniciativas para contribuir para o desenvolvimento dos estudantes, observa-se que, muitas vezes, elas se tornam cíclicas e não acompanham todo o processo de formação escolar. A exemplo das políticas listadas no item 4.2, identificou-se a continuidade somente do Programa Inova Maranhão: Inova, galera!, o que pode ser justificado pela manutenção da gestão governamental nas eleições de 2018.

A partir das análises do questionário e dos estudos bibliográficos, sugere-se que o fomento ao desenvolvimento de competências como a criatividade, iniciativa, confiança, autonomia, capacidade de planejamento, assumir riscos e trabalhar em equipe são importantes para qualquer profissão e devem ser trabalhadas independente da área de atuação que o estudante venha a seguir,

seja na área de humanas, saúde, tecnologia, sociais ou gerenciais. Dito isso, esse programa de educação empreendedora também se mostrou como uma primeira experiência dos estudantes participantes, frente ao mercado de trabalho, o que contribui para prepará-lo com uma visão mais clara do mundo dos negócios. Outro ponto importante é a autorreflexão do estudante sobre qual o papel eles gostariam de assumir profissionalmente, bem como o entendimento de remuneração diretamente atrelada ao grau de responsabilidade.

Sugere-se que as ações governamentais voltadas para o ensino básico priorizem o desenvolvimento de habilidades e competências dos jovens. Nesse sentido, é recomendado o uso de abordagens pedagógicas direcionadas para atividades práticas, que instiguem os alunos a trabalharem em equipe e assumirem riscos inerentes em um ambiente de incentivo a experimentação e aprendizado constante. Dentre as possíveis iniciativas governamentais, sugere-se que sejam realizadas parcerias com as instituições e especialistas que já possuem metodologias consolidadas, atentos às necessidades apresentadas pelas escolas e escutem os alunos na formulação das políticas públicas.

Desse modo, reforça-se o cuidado na formulação e implementação de políticas públicas de incentivo à educação empreendedora, visto que elas precisam estar alinhadas às peculiaridades histórico-culturais, aos contextos sociais e econômicos e, ao mesmo tempo, serem escaláveis e aplicáveis no território correspondente. Além disso, as ações devem se valer de instrumentos de avaliação, que inclusive compreendam os impactos diretos e indiretos dos programas. Dentre eles, é recomendado instrumentos que compreendam análises qualitativas, visto que a avaliação puramente quantitativa, a partir de números, como empregabilidade e renda, apesar de relevantes, não são os fatores que melhor representam os impactos da educação empreendedora.

Por fim, a existência de uma efetiva gestão do conhecimento, incluindo a avaliação das políticas, é fundamental para que elas tenham chances de serem apreciadas durante os processos de transições de governo. Ademais, a participação efetiva de atores estratégicos, alinhada a resultados sólidos dos programas, são instrumentos valiosos para a sua continuidade. Dessa forma, as ações governamentais que se mostrarem efetivas e de alto impacto social poderão se tornar políticas de Estado, ou seja, independentes do governo ao qual estão inseridas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a percepção de impacto da educação empreendedora a partir de um estudo bibliográfico e da análise dos resultados obtidos a partir de um questionário aplicado a egressos do Programa Miniempresa. A pesquisa foi motivada pela variedade de concepções acerca da educação para o empreendedorismo e a partir da experiência pessoal e profissional da autora como aluna e voluntária de programas de educação empreendedora, bem como sua participação na criação e operacionalização do programa Meu Primeiro Negócio, capitaneado pela então Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais no período de 2017 a 2018.

O projeto foi desenvolvido a partir de uma ampla revisão de literatura, pesquisas documentais e análise do questionário aplicado a egressos do Programa Miniempresa desenvolvido pela Junior Achievement. Para alcançar o objetivo desta pesquisa, buscou-se conceituar o empreendedorismo e a temática da educação empreendedora no recorte delimitado da pesquisa, mapear iniciativas de educação para o empreendedorismo e suas abordagens metodológicas, analisar as características comportamentais empreendedoras e avaliar a percepção de impacto dos egressos participantes do Programa Miniempresa, no período de 2012 a 2016. Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos objetivos específicos que estão comentados a seguir.

O primeiro objetivo específico consistiu em conceituar o empreendedorismo no recorte delimitado pela pesquisa. Para isso, utilizou-se do conceito proposto por Wennekers e Thurik (1999), no qual o empreendedorismo é visto como a habilidade manifesta do indivíduo em criar oportunidades a partir de recursos disponíveis e mediante a riscos e incertezas, em essência, sendo uma característica comportamental das pessoas.

O segundo e terceiro objetivos específicos constituíram-se em identificar iniciativas de educação para o empreendedorismo e suas abordagens metodológicas, bem como o levantamento de políticas governamentais praticadas em alguns Estados. Nesse sentido, nota-se uma constante tentativa de implementação de programas, que tendem a não ser sustentados com as trocas de gestão do governo. Tanto os projetos iniciados em Minas Gerais, como em São Paulo, foram descontinuados com as trocas de gestão e iniciadas outras tentativas, que muitas vezes, se assemelharam de alguma forma com as propostas anteriores. Já com relação ao Programa Inova

Maranhão, constata-se uma certa perpetuidade do programa, visto que foi implementado em 2016. Entretanto, sua permanência pode estar atrelada à reeleição do governador e consequente manutenção da equipe técnica responsável pelo Programa.

Para o quarto objetivo específico foram realizadas análises referentes às características comportamentais empreendedoras propostas por McClelland (1961), mais evidentes em egressos participantes do Programa Miniempresa, entre o período de 2012 a 2016. A pesquisa demonstrou que, apesar de não ter sido utilizadas as Características Comportamentais Empreendedoras identificadas por esse autor, como referência na construção do questionário, foram identificadas cinco das dez competências propostas por ele, a saber: a busca de oportunidade e iniciativa, correr riscos calculados, persistência, planejamento, independência e autoconfiança.

Já o último objetivo específico consistiu em analisar a percepção de impacto dos egressos participantes do Programa Miniempresa, a partir do questionário aplicado a pedido da Junior Achievement Brasil. Evidencia-se o ensino de empreendedorismo como uma possibilidade de desenvolvimento de habilidades e competências pessoais e profissionais. Nesse sentido, assumir riscos calculados, liderança, comprometimento, iniciativa, autonomia e planejamento são competências que formam o perfil empreendedor deste trabalho. Outro ponto importante é a possibilidade de autorreflexão do estudante sobre qual o papel ele gostaria de assumir profissionalmente, bem como o entendimento sobre políticas de remuneração atreladas ao grau de responsabilidade.

A relação entre educação empreendedora e desenvolvimento econômico é defendida por diversos pesquisadores e retratada no presente trabalho. No entanto, as percepções de impacto dos egressos do Programa Miniempresa indicaram sinais de empregabilidade e aumento de rendas consideravelmente inferiores ao desenvolvimento de competências pessoais. Ressalta-se a preocupação da referida autora sobre a responsabilização exclusiva do indivíduo pelo seu sucesso e fracasso, conforme observado durante o levantamento bibliográfico. Em certos casos, a educação para o empreendedorismo é compreendida a partir de uma visão romantizada, sem considerar os diversos fatores sociais, econômicos, histórico-culturais e políticos que influenciam diretamente a formação do indivíduo.

Portanto, este trabalho corroborou as proposições de Lackéus (2015), visto que o desenvolvimento de competências e habilidades, no nível do indivíduo, pode desencadear a criação de novos processos, produtos e inovações. Como possível consequência, tem-se a abertura de novos

mercados e melhorias organizacionais que podem resultar no desenvolvimento econômico de uma região. Comparando essa visão com os resultados obtidos pela análise do questionário, percebe-se o alto nível almejado de escolarização por parte dos respondentes, o que pode gerar projetos de alto impacto social e econômico. A partir dos resultados do questionário, constata-se que a formação de pessoas mais conscientes sobre o ambiente em que vivem, com habilidades para vislumbrar oportunidades e capazes de gerar transformações dentro e fora das organizações em que trabalham, pode colaborar para o desenvolvimento de possíveis inovações e mudanças organizacionais.

Como implicações para políticas públicas, recomenda-se ações voltadas para o ensino básico que priorizem o desenvolvimento de habilidades, competências e estimulem os jovens a traçar objetivos de vida. Para isso, sugere-se a aplicação de abordagens pedagógicas práticas, aplicadas em parceria com instituições e especialistas da área de educação empreendedora. Dentre elas, destacam-se a realização de estudos de caso, visitas em empresas, desenvolvimento de projetos aplicados, palestras, jogos e simulações.

Utilizar de metodologias consolidadas e se atentar para as necessidades das escolas e dos alunos são pontos fundamentais para a formulação das políticas. Ademais, elas devem estar alinhadas às peculiaridades histórico-culturais, aos contextos sociais e econômicos, bem como serem escaláveis e aplicáveis no território. Por fim, é aconselhado que os responsáveis técnicos façam valer de instrumentos de avaliação de impacto dos projetos. Principalmente aqueles de caráter qualitativo, visto que o objeto de análise compreende uma diversidade de fatores a serem interpretados e descritos.

A análise das percepções de impacto do grupo pesquisado possibilitou o surgimento de *insights* que podem contribuir para aumentar o conhecimento acadêmico sobre a temática de educação empreendedora. Um exemplo é o indicativo de que os egressos almejam obter altos níveis de formação acadêmica, como mestrado, doutorado e pós-doutorado. Também, identificou-se o relevante impacto do programa nas escolhas acadêmicas, carreira profissional, capacidade de estabelecer objetivos de vida e visão prévia do funcionamento do mercado de trabalho. Enfim, o consenso entre os participantes da pesquisa que é possível empreender, seja na criação de empresas ou no próprio trabalho. A caracterização dos respondentes e os resultados obtidos podem fornecer insumos para o desenvolvimento de metodologias de ensino de empreendedorismo, a serem desenhadas de acordo com as especificidades de cada grupo.

É reconhecida como limitação do estudo a restrição quanto à amostragem não-probabilística utilizada para o questionário. Apesar de oferecer indicativos das características da população, as estimativas obtidas não são estatisticamente projetáveis para a população. Desse modo, não é possível a generalização dos resultados para avaliar a efetividade do Programa Miniempresa ou até mesmo avaliar a efetividade da educação para o empreendedorismo. Outro ponto de análise refere-se à utilização da amostragem não probabilística bola de neve. Nesse sentido, apesar de ser um método efetivo para penetrar populações escondidas, a escolha dos membros iniciais pode conter vieses a favor da inclusão de pessoas com mais engajamento e relações interpessoais.

Observa-se também como limitação do trabalho a ausência de embasamento teórico e metodológico utilizado na construção do questionário desenvolvido pela equipe contratada pela Junior Achievement. Segundo eles, a construção do questionário se baseou prioritariamente nas solicitações da contratante e nas experiências da equipe executora. Dito isso, sugere-se que o apoio teórico e metodológico poderia ter auxiliado para a construção de um questionário mais enxuto e robusto, visto que a versão utilizada é composta por 72 perguntas e com um tempo médio de 20 minutos para preenchimento. Percebe-se também um índice relevante de desistentes no preenchimento, uma vez que foram 1.280 respostas iniciadas e somente 736 finalizadas, representando um índice de 42,5% de desistência. Nota-se ainda, a baixa proporção de respondentes em alguns Estados brasileiros, o que pode ser justificado pela desatualização dos e-mails cadastrados e as diferenças entre números de turmas do Programa Miniempresa que variam de modo significativo entre os Estados.

Assim, em pesquisas futuras, recomenda-se a estruturação de grupos focais para identificar as percepções de egressos acerca de sua participação no Programa Miniempresa, a partir do discurso. Sugere-se, ainda, o estudo de outros programas, metodologias e políticas públicas de educação empreendedora oferecidas por outras instituições e governos. A partir dessas análises, será possível criar um retrato do ensino de empreendedorismo no País. Além disso, o desenvolvimento de outros estudos permitirá fazer comparações das diferentes abordagens teórico-metodológicas e os seus possíveis impactos, com o objetivo de sustentar uma reflexão sobre a criação de políticas de Estado, que sejam independentes de governos e acessíveis a todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, C.; BURCHART, A.; DUTRA, M. Sebrae - Estudos Teóricos Referenciais sobre Educação Empreendedora. **Relatório da Pesquisa Bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora**. SEBRAE – MG, 2016.

BOYLES, T. 21st century knowledge, skills, and abilities and entrepreneurial competence: a model for undergraduate entrepreneurship education. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 15, p. 41-55, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília-DF, 05 outubro 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 20 abr. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Brasília, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD)**. Educação 2018, 19 de junho 2019. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/00e02a8bb67cdedc4fb22601ed264c00.pdf>. Acesso em 20 abr. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD)**. Indicadores mensais produzidos com informações do 4º Trimestre 2019, 14 de fevereiro de 2020. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=25199&t=destaques>>. Acesso em 22 abr. 2020.

BRASIL JUNIOR. **Ranking de Universidades Empreendedoras**. São Paulo, 2019. Disponível em: universidadesempreendedoras.org. Acesso em 01 abr. 2020.

COAN, M. **Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas**. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

COLEMAN, J. S. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Human Organization**. v.17, p. 28-36, 1958.

CORREA, L. M.; CUNHA, M. A. A política educativa e seus efeitos nos tempos e espaços escolares: a reinvenção do ensino médio interpretada pelos jovens. **Educação em Revista - Belo Horizonte**, v.34, 22 mar. 2018.

COSTA, A; BARROS, D.; CARVALHO, J. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea** [on-line], v.15, p.179-197, 2011.

DELORS, J. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

DEWES, J. O. **Amostragem em bola de neve e respondente – Driven Sampling: uma descrição dos métodos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2013.

DIÁRIO OFICIAL DE MINAS GERAIS. **Resolução SEE nº 2486**, de 20 de dezembro de 2013. Dispõe sobre a universalização do Reinventando o Ensino Médio nas Escolas da rede pública estadual de Minas Gerais. Disponível em:
<<http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/handle/123456789/110853?paginaCorrente=001&posicaoPagCorrente=110807&linkBase=http%3A%2F%2Fjornal.iof.mg.gov.br%3A80%2Fxmlui%2Fhandle%2F123456789%2F&totalPaginas=108&paginaDestino=47&indice=0>>. Acesso em 10 dez. 2019.

DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, p. 134-181, 2013.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Picture, 1999a.

_____, F. Oficina do Empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. **Cultura Editores Associados**, São Paulo, 1999b.

_____, F. **Pedagogia Empreendedora**. 1 ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

_____, F. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1986.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v.34(2), p. 5-28, 1999.

FRIGOTTO, G. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. In: **Anais do II Encontro Estadual das Escolas Técnicas**. Porto Alegre, vol. 1. ano I. Edição Especial. p. 25-33, 2001.

GOODMAN, L.A. Snowball sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**. v.32, p.148-170, 1961.

GEM – Brasil. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo 2018. Curitiba: IBQP, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HISRICH, R. D.; PETER, M. P. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estimativas de população enviadas ao Tribunal de Contas da União**, 2019. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>>. Acesso em 20 de abr. 2020.

INSTITUTO SEMESP. Pesquisa **Cursos de Especialização Lato Sensu no Brasil**. 1º ed 2019. Disponível em <<https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Especializa%C3%A7%C3%A3o-de-N%C3%ADvel-Superior.pdf>>. Acesso em 25 abr. 2020.

JUNIOR ACHIEVEMENT. **Sobre a JA**. Junior Achievement Brasil, 2020. Disponível em <<https://www.jabrasil.org.br/sobre-nos>>. Acesso em 05 jan. 2020.

LACKÉUS, M. **Entrepreneurship in Education: What, Why, When, How. Entrepreneurship 360 – Background Paper.** European Commission, 2015.

LIBÂNEO, J. C. et al. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, L.M. **A avaliação do Programa Miniempresa da Junior Achievement: limitações e perspectivas.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, 2008.

MARCOVITCH, J; SAES, A. M. Educação Empreendedora: Trajetória recente e desafios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (REGEPE).** São Paulo, v.9, n.1. p. 01-09, 2020.

MCCLELLAND, D. **The Achieving Society,** Princeton: D. Van Nostrand CO, 1961.

PEEE. **Plano Estadual de Educação Empreendedora.** Material de apoio ao currículo da Educação Básica. São Paulo: Assembleia Legislativa, 2018.

ROCHA, E. L.; FREITAS, A. A. F. **Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor.** 466. RAC, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, art. 5, p. 465-486, jul. 2014.

SEBRAE. Portal Sebrae. **Conheça quem somos.** [2020]. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos>. Acesso em: 24 fev. 2020.

SEMESP. **Pesquisa cursos de especialização Lato Sensu no Brasil.** São Paulo. 1º ed. 2019. Disponível em <<https://www.semesp.org.br/pesquisas/pesquisa-especializacao-de-nivel-superior/>>. Acesso em 25 abr. 2020.

SCHUMPETER, J. **A Teoria do desenvolvimento econômico. Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico.** Tradução da Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____, J. **"O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico".** In A Teoria do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

SILVA, F. G. **Ensino do empreendedorismo na educação básica: a formação do cidadão empreendedor em questão**. 244f. Dissertação (Mestrado em Educação), Univás, Pouso Alegre, 2015.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, ano 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez. 2006.

SURTADJA CENTER. **The Berkeley Method of Entrepreneurship Bootcamp**. [2020]. Disponível em: <<https://scet.berkeley.edu/berkeley-method-entrepreneurship/>>. Acesso em: 10 abril 2020.

WENNEKERS, S.; THURIK, R. Linking entrepreneurship and economic growth. **Small Business Economics**, v.13(1), p.27-55, ago.1999.

ANEXO A - Pesquisa com egressos do Programa Miniempresa

Questionário aplicado aos egressos do Programa Miniempresa

1. Você aceita participar da nossa pesquisa?
2. Qual Estado você realizou o Programa Miniempresa?
3. Qual cidade você realizou o Programa Miniempresa?
4. Qual bairro era a escola que você realizou o Programa Miniempresa?
5. Qual o nome da escola que você realizou o Programa Miniempresa?
6. Sentiu-se motivado(a) a estudar mais
7. Sentiu-se mais motivado(a) a iniciar sua carreira profissional
8. Sentiu-se mais motivado(a) a abrir um negócio
9. Sentiu-se mais motivado(a) para estabelecer novos objetivos para sua vida
10. Sentiu-se motivado(a) a estudar mais
11. Sentiu-se motivado(a) a iniciar sua carreira profissional
12. Sentiu-se motivado(a) a abrir um negócio
13. Sentiu-se motivado(a) para estabelecer novos objetivos para sua vida
14. Trabalhar em equipe
15. Liderança
16. Persistência
17. Ousadia
18. Assumir riscos
19. Confiança
20. Capacidade de planejamento
21. Autonomia
22. Criatividade
23. Iniciativa
24. Capacidade de tomada de decisão
25. Capacidade de resolução de problemas
26. Participar do Miniempresa influenciou minhas escolhas acadêmicas
27. Participar do Miniempresa influenciou minhas escolhas profissionais
28. Minha participação no Miniempresa teve impacto sobre minha renda atual
29. Tenho maior empregabilidade graças à minha participação no Miniempresa
30. O Miniempresa fez aumentar minha rede de contatos profissionais
31. O Miniempresa me fez chegar ao mercado de trabalho com uma visão mais clara do mundo dos negócios
32. O Miniempresa influenciou minha postura profissional
33. O Miniempresa teve influência sobre minha ascensão profissional (promoções, mudanças de empresa etc.)
34. O Programa Miniempresa me mostrou que era possível empreender (abrir uma empresa ou empreender no meu trabalho).
35. O Miniempresa foi o primeiro contato que tive com o mundo dos negócios.
36. Foi no programa Miniempresa que, pela primeira vez, pensei em ser um empreendedor(a).
37. Idade do primeiro emprego/estágio:
38. Está trabalhando no momento?
39. Vínculo empregatício.
40. Ramo de atividade.

41. Você tem ou já teve uma empresa, algum negócio ou projeto/atividade, mesmo que informal?
42. A sua empresa, negócio ou projeto/atividade continua aberto?
43. Se você respondeu não para a pergunta 39, por qual razão você fechou sua empresa, negócio ou projeto/atividade?
44. Quantas pessoas trabalham\trabalharam nesse empreendimento?
45. Qual é o valor total da Folha de Pagamento mensal nesse empreendimento? Favor inserir somente números (exemplo: 1000.00).
46. Qual é o seu rendimento bruto médio mensal nesse empreendimento? Favor inserir somente números (exemplo: 1000.00).
47. Qual é o faturamento bruto esperado para esse empreendimento nesse ano? Favor inserir somente números (exemplo: 1000.00).
48. Quantos empregos indiretos você acredita que esse empreendimento gera? Favor inserir somente números (exemplo: 100).
49. Quem fundou esse empreendimento?
50. Nome:
51. Telefone (somente números, exemplo: DDD: 21; Telefone: 123456789):
52. E-mail:
53. Estado que você vive hoje:
54. Outro: Qual País você vive?
55. Idade:
56. Qual ano você participou do Miniempresa (exemplo: 2002):
57. Qual semestre você participou do Miniempresa (se foi no primeiro semestre escolha 1, se foi no segundo semestre escolha 2):
58. Sexo:
59. Renda mensal (Favor inserir somente números; exemplo: 1000.00):
60. Estado Civil:
61. Quantidade de filhos (inserir somente números):
62. Quantas pessoas moram em sua residência contando você (inserir somente números):
63. Em que tipo de escola cursou a maior parte do ensino médio?
64. Língua – Inglês
65. Língua – Espanhol
66. Língua – Italiano
67. Língua – Francês
68. Outro (especifique)
69. Escolaridade atual (último curso completo):
70. Informe o último curso que fez em sua última escolaridade. (Ex: Administração de Empresas, Tecnólogo em Gestão de Projetos, Técnico de edificações):
71. Tipo de instituição que você concluiu o seu último estudo:
72. Qual o nível de escolaridade você deseja alcançar?

APÊNDICE A – Reportagens sobre o Programa Meu Primeiro Negócio

Quadro 11 - Reportagens sobre o Programa Meu Primeiro Negócio

(Continua)

	Título da matéria	Link do site
Bambuú News	Em Bambuí: Programa incentiva empreendedorismo entre jovens da E. E. João Batista de Carvalho	https://bambuinews.com.br/noticias-bambui/em-bambui-programa-incentiva-empreendedorismo-entre-jovens-da-e-e-joao-batista-de-carvalho
Barbacena em Tempo	Programa Meu Primeiro Negócio divulga a lista de escolas selecionadas	https://www.barbacenaemtempo.com.br/2017/08/25/programa-meu-primeiro-negocio-divulga-lista-de-escolas-selecionadas/
Belo Horizonte	Programa “Meu primeiro negócio” tem inscrições abertas	https://www.belo Horizonte.com.br/programa-meu-primeiro-negocio-tem-inscricoes-abertas/
BH Eventos	Adolescentes mineiros dão show de empreendedorismo na FINIT	https://www.bheventos.com.br/noticia/11-04-2017-adolescentes-mineiros-dao-show-de-empreendedorismo-na-finit
Blog da B	Parceria entre a SEE e SEDECTES garante inovação em Educação	https://sremetropb.blogspot.com/2017/05/parceria-entre-see-e-sedectes-garante.html
Blog do PCO	Programa Meu Primeiro Negócio tem 120 escolas escolhidas	https://blogdopco.com.br/programa-meu-primeiro-negocio-tem-120-escolas-escolhidas/
Câmara Municipal de Mantena	Estado divulga as escolas selecionadas para o programa de empreendedorismo no ensino médio	http://camaramantena.mg.gov.br/2017/08/25/estado-divulga-as-escolas-selecionadas-para-o-programa-de-empreendedorismo-no-ensino-medio/
Diário de Caratinga	Cinco escolas da região selecionadas para segunda edição do Programa Meu Primeiro Negócio	https://diariodecaratinga.com.br/cinco-escolas-da-regiao-selecionadas-para-segunda-edicao-do-programa-meu-primeiro-negocio/
Diário de Manhuaçu	Divulgadas as escolas para segunda edição do Programa Meu Primeiro Negócio	https://diariodemanhuacu.com.br/?p=17450
Edição do Brasil	Projeto visa captar 20 mil jovens para o mundo empreendedor	http://edicaodobrasil.com.br/2017/09/21/projeto-visa-capacitar-20-mil-jovens-para-o-mundo-empreendedor/
Estado de Minas	Programa incentiva empreendedorismo entre jovens do ensino médio em Minas	https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/05/23/internas_economia,960849/programa-promove-cultura-empreendedora-jovens-ensino-medio-minas.shtml
G1 Globo	Programa 'Meu Primeiro Negócio' incentiva espírito empreendedor nos jovens	http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/t/todos-os-videos/v/programa-meu-primeiro-negocio-incentiva-espirito-empreendedor-nos-jovens/6012973/
G37	Divulgadas as escolas selecionadas para segunda edição do Programa Meu Primeiro Negócio	https://g37.com.br/c/estadual/divulgadas-as-escolas-selecionadas-para-segunda-edicao-do-programa-meu-primeiro-negocio
Gazeta de Varginha	Escola Estadual Afonso Pena selecionada para o programa empreendedorismo no ensino médio	https://gazetadevarginha.com.br/escola-estadual-afonso-pena-selecionada-para-o-programa-empreendedorismo-no-ensino-medio/
GR News	Jovens de escolas estaduais vendem produtos próprios em shopping de BH	https://grnews.com.br/15112018/grnews/jovens-de-escolas-estaduais-vendem-produtos-proprios-em-shopping-de-bh
	Muriaé vai receber novos cursos do PRONATEC e Programa Meu Primeiro Negócio	https://www.guiamuriae.com.br/noticias/educacao/muriae-vai-receber-novos-cursos-do-pronatec-e-programa-meu-primeiro-negocio/amp/

Quadro 11 - Reportagens sobre o Programa Meu Primeiro Negócio

(Continua)

Local de publicação	Título da matéria	Link do site
Hoje em Dia	Produtos desenvolvidos por estudantes mineiros são comercializados em feira na capital	https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/produtos-desenvolvidos-por-estudantes-mineiros-s%C3%A3o-comercializados-em-feira-na-capital-1.672079
Hoje em Dia	Belo Horizonte sedia o FINIT Festival, maior evento de inovação do país	https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/belo-horizonte-sedia-o-finit-festival-maior-evento-de-inova%C3%A7%C3%A3o-do-pa%C3%ADs-1.669164
Hoje em Dia	Projeto quer estimular ideias inovadoras entre estudantes do ensino médio	https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/projeto-quer-estimular-ideias-inovadoras-entre-estudantes-do-ensino-m%C3%A9dio-1.463975
Hoje em Dia	Abertas as inscrições de escolas interessadas no projeto 'Meu Primeiro Negócio'	https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-de-escolas-interessadas-no-projeto-meu-primeiro-neg%C3%B3cio-1.543638/meu-primeiro-neg%C3%B3cio-1.543641
Jornal Acontece	Onze escolas do Alto Jequitinhonha são selecionadas para o Programa Meu Primeiro Negócio	http://jornalacontece.net/2018/04/18/onze-escolas-do-alto-jequitinhonha-sao-selecionadas-para-o-programa-meu-primeiro-negocio/
Jornal da cidade BH	Minas Gerais sedia a segunda edição da FINIT	https://www.jornaldacidadebh.com.br/sociedade/minas-gerais-sedia-a-segunda-edicao-da-finit/
Jornal do sudeste	Escola Paula Frassinetti é selecionada para o programa de empreendedorismo	http://www.jornaldosudoeste.com.br/noticia.php?codigo=1759
Jornal dos Vales	Quatro escolas em Teófilo Otoni foram contempladas na 2ª edição do Programa Meu Primeiro Negócio	https://www.jornaldosvales.com.br/ler_noticia.php?id=6084&t=quatro-escolas-em-teofilo-otoni-foram-contempladas-na-2-edicao-do-programa-meu-primeiro-negocio
Jornal Sete Dias	Sete Lagoas tem três escolas estaduais aprovadas no programa Meu Primeiro Negócio	http://www.setedias.com.br/noticia/destaques/sete-lagoas-tem-tres-escolas-estaduais-aprovadas-no-programa-meu-primeiro-negocio/53/17074
Jornalismo Santana FM	Realizada formatura do projeto “Meu Primeiro Negócio”	https://www.santanafm.com.br/realizada-formatura-do-projeto-meu-primeiro-negocio/
Mega Cidade	Governo de Minas lança “Meu Primeiro Negócio” para desenvolver projetos empreendedores	https://www.megacidade.com/noticia/6423/
Mercado Web Minas	Inscrições abertas para Meu Primeiro Negócio, programa de empreendedorismo para escolas estaduais mineiras	http://mercadowebminas.blogspot.com/2017/07/inscricoes-abertas-para-meu-primeiro.html
O Norte de Minas	Governo lança programa “+Oportunidades” que busca fomentar a geração de novas empresas no Estado	https://onorte.net/minas-do-norte/governo-lan%C3%A7a-programa-opportunidades-que-busca-fomentar-a-gera%C3%A7%C3%A3o-de-novas-empresas-no-estado-1.559862
O Tempo	FINIT começa nesta quarta e deve receber mais de 75 mil pessoas	https://www.otempo.com.br/economia/finit-comeca-nesta-quarta-e-deve-receber-mais-de-75-mil-pessoas-1.2064736
O Vigilante Online	E. E. Professor Botelho é selecionada para o programa de empreendedorismo no ensino médio	https://www.ovigilanteonline.com.br/noticia/detalhe/35440/e-e-professor-botelho-reis-e-selecionada-para-o-programa-de-empreendedorismo-no-ensino-medio
Observatório Luziense	Estudantes de Santa Luzia participam do "Programa Meu Primeiro Negócio", na Cidade Administrativa	http://observatorioluziense.com.br/estudantes-de-santa-luzia-participam-de-programa-meu-primeiro-negocio-na-cidade-administrativa/

Quadro 11 - Reportagens sobre o Programa Meu Primeiro Negócio

(Continua)

Local de publicação	Título da matéria	Link do site
Passos 24 horas	Meu Primeiro Negócio incentiva alunos da rede estadual e chega a Passos	http://www.passos24horas.net/2017/09/programa-meu-primeiro-negocio-que.html
Pirapora	Secretário de Estado reforça parceria pela tecnologia e inovação	https://www.pirapora.mg.gov.br/noticia/1866-secretario-de-estado-reforca-parceria-pela-tecnologia-e-inovacao
Pontal em foco	Programa Meu Primeiro Negócio incentiva empreendedorismo para alunos da rede estadual de ensino	https://pontalemfoco.com.br/regiao/programa-meu-primeiro-negocio-incentiva-empreendedorismo-para-alunos-da-rede-estadual-de-ensino/
Pontal em Foco	Escola Maria de Barros é selecionada para o programa de empreendedorismo do Governo Estadual	http://pontalemfoco.com.br/educacao/escola-maria-de-barros-e-selecionada-para-o-programa-de-empreendedorismo-do-governo-estadual/
Portal Araxá	Meu Primeiro Negócio desperta o interesse de jovens estudantes pelo empreendedorismo	http://www.portalaraxa.com.br/meu-primeiro-negocio-desperta-o-interesse-de-jovens-estudantes-pelo-empreendedorismo/
Portal Campo Belo	Inscrições abertas para a 2ª edição do Programa Meu Primeiro Negócio	https://www.portalcampobelo.com.br/noticia/8385/Inscricoes-abertas-para-a-2-edicao-do-Programa-Meu-Primeiro-Negocio
Portal Caparaó	Escolas de Manhuaçu no projeto Meu Primeiro Negócio	https://www.portalcaparao.com.br/noticias/visualizar/24941/escolas-de-manhuacu-no-projeto-meu-primeiro-negocio
Portal Impactto	Programa estadual desperta estudantes ao empreendedorismo	https://www.portalimpactto.com.br/programa-estadual-desperta-estudantes-ao-empreendedorismo/
Portal Primeira Linha Online	Sete Lagoas têm quatro escolas na 2ª edição do Meu Primeiro Negócio	http://www.portalprimeiralinhaonline.com/noticia/315/sete-lagoas-tem-quatro-escolas-na-2-ordf-edicao-do-programa-meu-primeiro-negocio.html
Prefeitura de Passos	Meu Primeiro Negócio chega a Passos e estudantes terão a experiência de gerir um negócio	http://www.passos.mg.gov.br/pages/noticia.php?cod=1059
Prefeitura de Três Corações	Programa “O Meu Primeiro Negócio”	http://trescoracoes.mg.gov.br/index.php/noticias/13826-programa-o-meu-primeiro-negocio
Prefeitura Municipal Paulistas	Edital aberto pelo Governo de Minas Gerais recebe inscrições de escolas do ensino médio de todo o estado.	https://paulistas.mg.gov.br/noticias/programa-meu-primeiro-negocio-incentiva-empreendedorismo-para-alunos-da-rede-estadual-de-ensino/
Rede Minas	Programa incentiva negócios nas escolas	http://media.licdn.com/embeds/media.html?src=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fembed%2FBta9fxCzOA%3Ffeature%3Doembed&url=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3DBta9fxCzOA&type=text%2Fhtml&schema=youtube
Rede Mineira de Inovação	Programa Meu Primeiro Negócio: Empreendedorismo na rede pública	http://www.rmi.org.br/rmi/noticias/2874/programa-meu-primeiro-negocio-empreendedorismo-na-rede-publica;jsessionid=1urjt9w1tmedp
Secretaria de Desenvolvimento Econômico	Alunos e jovens empreendedores: participantes do Meu Primeiro Negócio estão certificados	http://www.desenvolvimento.mg.gov.br/application/noticias/noticia/754/alunos-e-jovens-empreendedores:-participantes-do-meu-primeiro-negocio-estao-certificados
Secretaria de Desenvolvimento Econômico	Estudantes do Meu Primeiro Negócio comercializam R\$ 7 mil durante feira	http://www.desenvolvimento.mg.gov.br/application/noticias/noticia/750/estudantes-do-meu-primeiro-negocio-comercializam-r\$-7-mil-durante-feira

Quadro 11 - Reportagens sobre o Programa Meu Primeiro Negócio

(Conclusão)

Local de publicação	Título da matéria	Link do site
Secretaria de Desenvolvimento Econômico	Divulgadas as escolas selecionadas para segunda edição do Programa Meu Primeiro Negócio	http://www.desenvolvimento.mg.gov.br/application/noticias/noticia/714/divulgadas-as-escolas-selecionadas-para-segunda-edicao-do-programa-meu-primeiro-negocio
Secretaria de Educação	Meu Primeiro Negócio alavanca sonho do empreendedorismo entre jovens das escolas estaduais	http://www2.educacao.mg.gov.br/component/gmg/story/10069-meu-primeiro-negocio-alavanca-sonho-do-emprededorismo-entre-jovens-das-escolas-estaduais
Sete Lagoas	Programa Meu Primeiro Negócio incentiva empreendedorismo para alunos da rede estadual	https://setelagoas.com.br/noticias/minas/39612-programa-meu-primeiro-negocio-incentiva-emprededorismo-para-alunos-da-rede-estadual
Sete Lagoas Notícias	Meu Primeiro Negócio abre seleção de voluntários em Sete Lagoas e região	https://www.setelagoasnoticias.com.br/noticia/cidades/meu-primeiro-negocio-abre-selecao-de-voluntarios-em-sete-lagoas-e-regiao/54/4173
Sistema Mineiro de Inovação (SIMI)	Meu Primeiro Negócio divulga escolas selecionadas para a edição 2018	http://www.simi.org.br/noticia/Meu-Primeiro-Negocio-divulga-escolas-selecionadas-para-a-edicao-2018
Sistema Mineiro de Inovação (SIMI)	Alunos de 68 escolas públicas do estado recebem certificado do Meu Primeiro Negócio	http://simi.org.br/noticia/Alunos-de-68-escolas-publicas-do-estado-recebem-certificado-do-Meu-Primeiro-Negocio
Sistema Mineiro de Inovação (SIMI)	Empresas criadas por jovens de escolas públicas esperam arrecadar mais de R\$ 10 mil em dois dias	http://simi.org.br/noticia/Empresas-criadas-por-jovens-de-escolas-publicas-esperam-arrecadar-mais-de-R-10-mil-em-dois-dias
Superintendência regional de ensino de Coronel Fabriciano	Programa Meu Primeiro Negócio vai incentivar empreendedorismo em alunos da rede estadual	https://srefabricianodivep.wordpress.com/2017/07/17/programa-meu-primeiro-negocio-vai-incentivar-emprededorismo-em-alunos-da-rede-estadual/
Triângulo Notícias	Jovens empreendedores do Meu Primeiro Negócio vendem seus produtos na Cidade Administrativa	https://triangulonoticias.com/jovens-emprededores-do-meu-primeiro-negocio-vendem-seus-produtos-na-cidade-administrativa/
Unimontes	Abertas inscrições para programa “Meu Primeiro Negócio”	https://unimontes.br/abertas-inscicoes-para-programa-meu-primeiro-negocio/
Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG	Programa Meu Primeiro Negócio divulga convite para voluntários	http://uemg.br/noticias-1/1340-programa-meu-primeiro-negocio-divulga-convite-para-voluntarios
Via comercial	Meu Primeiro Negócio alavanca sonho do empreendedorismo entre jovens das escolas estaduais	https://www.viacomercial.com.br/2018/12/30/meu-primeiro-negocio-alavanca-sonho-do-emprededorismo-entre-jovens-das-escolas-estaduais/

Fonte: Elaborado pela autora.